

ISBN 85-86788-19-8



9 788586 788192

Os lugares, as pessoas, os costumes,  
as situações, a memória.  
Crônicas de uma cidade  
nos dizeres de seus habitantes.

Fundação Pró-Memória  
São Caetano do Sul

Um olhar poético sobre São Caetano

FPM - SCS

# Um olhar poético sobre São Caetano





Um olhar  
poético  
sobre  
São Caetano





## Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Avenida Goiás, 600 - Centro

São Caetano do Sul (SP)

CEP 09521-300

Telefones: 4221-9008 / 4221-7420

www.mp.usp.br/fpm

email: fundacao.promemoria@imes.com.br

### Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul *Séries Cadernos de História, Documenta e Ensaios*

**Direção: Prof. Sônia Maria Franco Xavier**

#### **Volumes Publicados:**

1. José de Souza Martins, *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
2. *8º Grupamento de Incêndio 32 anos de História*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
3. Yolanda Ascencio, *Meio século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.
4. Sônia Maria Franco Xavier (org.), *Jayme da Costa Patrão:...um traço marcante na autonomia*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
5. Rui Ribeiro, *Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
6. Guido Carli, *Stí àni gera... cussí (Antigamente era assim)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), *Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.
8. *Anais do III Congresso de História do ABC. À Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
9. Eliane Mimesse, *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.

Este livro integra o *Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória*, do período administrativo 2001-2004, cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.



ISBN: 85-86788-19-8  
Feito o depósito legal.

---

FICHA CATALOGRÁFICA:

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

F977o Um olhar poético sobre São Caetano./Fundação Pró-Memória  
de São Caetano do Sul.Fundação Pró-Memória:  
São Caetano do Sul; 2002./ - (Série Documenta)

1. Literatura - Poema e Crônica. 2. Literatura Brasileira
3. Crônica e Poema - Literatura Brasileira. I Título

CDD.869.91

---

Ficha composta por Jussara Ferreira Muniz

Fundação Pró-Memória - Série Documenta

*Direção:* Prof. Sônia Maria Franco Xavier

*Digitalização de imagens:* Fabíola Fioravante

*Digitalização:* Maísa da Silveira e Maria A. Fedatto

*Capa:* Neusa Scaléa

*Diagramação e Edição:* Antonio Devanir Leite Júnior- Mtb. 19.866

Maria Antônia dos Reis-ME



## Prefácio

Este é um projeto inédito em que a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, que tem como objetivo conhecer, pesquisar e divulgar o patrimônio cultural, reuniu, para uma atividade coletiva, escritores desta região que, com um olhar experiente, vivido e apaixonado, descreveram de maneira pitoresca aspectos de São Caetano do Sul.

Os temas propostos foram a formação, o desenvolvimento e as transformações da cidade, vistos sob um novo prisma, que projeta poeticamente sentimentos dos que foram personagens, testemunhas e parceiros dos eventos.

Vinte e seis pessoas contribuíram para a realização deste trabalho. Escritores e poetas (membros da Academia de Letras da Grande São Paulo), somados a memorialistas respeitados, resgataram uma saudosa São Caetano, em crônicas, poemas ou relatos. Como ponto comum há a profunda sensibilidade ao descreverem locais que lhes são caros.

Grande foi nossa surpresa ao recebermos estes trabalhos que, acredito, serão novos registros de identidade que passarão a ser vistos de forma mais íntima e carinhosa.

Olhar com olhos de ver! É o que fazem nossos escritores e o que nos convidam a fazer através de suas crônicas ou poemas. Cada um a revelar um passado que está presente em cada rua, em cada casa, em cada canto da cidade.

Seguir olhares poéticos sobre São Caetano é sentir a cidade sob novos ângulos, de surpresa em surpresa, onde se descortinam cenários ainda pouco explorados.

Muitos passam por esta cidade sem ter este olhar. Muitos vivem nela sem sentir as batidas de seu coração, sem adivinhar seus segredos.

Aceitem o convite destes autores que, com arte e graça, humanizaram recantos, esquinas e logradouros, emprestando vozes aos seus monumentos e ressuscitando rostos nas janelas.

Detenham-se para vê-los.

Ouçam os ecos de um passado que ressoa em cada verso, em cada frase de saudade.



## Agradecimentos

A todos que participaram com seus poemas e crônicas.

À Professora Yolanda Ascencio pelo entusiasmo e empenho no contato com a maioria dos participantes.

Aos funcionários da Fundação Pró-Memória que colaboraram com a pesquisa.

Um bom trabalho é fruto de união, esforço, vontade e seriedade.

*Sônia Maria Franco Xavier*

"Caminheemos, portanto, mui serenos, vivendo, com amor, a cada dia, sem desprezar nem grandes, nem pequenos".

*Yolanda Ascencio*



---

## ÍNDICE

---

Parque Santa Maria <i>Claudino de LUCCA</i> .....	17
A Alma das Ruas <i>Celso de Almeida CINI</i> .....	21
Rei dos Municípios!... <i>Yolanda ASCENCIO</i> .....	28
Numa sacada da selva de pedra <i>José Roberto Espindola XAVIER</i> .....	29
São Caetano do Sul <i>Aleticie Moretto BOTTAN</i> .....	32
Decertezas <i>Rinaldo GISSONI</i> .....	33
O Sabiá Solitário <i>Rui RIBEIRO</i> .....	35
Jogos Escolares!... <i>Yolanda ASCENCIO</i> .....	38
Matriz Sagrada Família <i>Eva Bueno MARQUES</i> .....	39
Exaltação aos Autonomistas!... <i>Yolanda ASCENCIO</i> .....	44
Procurando a sombra da velha figueira <i>Humberto Domingos PASTORE</i> .....	45
Eu Ficus <i>João Alberto TESSARINI</i> .....	47
Príncipe dos Municípios <i>José Carlos AGOSTINI</i> .....	50
As casas de São Caetano <i>Mariza Lima GONÇALVES</i> .....	51
Minha Cidade São Caetano do Sul <i>Lourdes de VITA</i> .....	54
Permanência <i>Margarete SCHIAVINATTO</i> .....	55

---



---

Encantamento e Espanto <i>Wilson LODUCA</i> .....	57
Caminho de Esperança <i>Maria do Céu Formiga de OLIVEIRA</i> .....	59
São Caetano "di Thiene"!... <i>João Miguel dos SANTOS</i> .....	62
Aceita um cafezinho? <i>Gilberto Tadeu da LIMA</i> .....	63
Uma Visão Poética <i>Nicola TORTORELLI</i> .....	65
Taquyvossu <i>Milton ANDRADE</i> .....	67
Homenagem aos imigrantes de São Caetano do Sul <i>Eva Bueno MARQUES</i> .....	71
Exaltação aos Bombeiros!... <i>Yolanda ASCENCIO</i> .....	74
A nossa vida é uma praça bem florida <i>João ANHÊ</i> .....	75
O Riozinho <i>Gilberto Tadeu da LIMA</i> .....	77
Museu de São Caetano do Sul <i>Darcy Gripp BASTOS</i> .....	79
Percorrendo a Avenida Goiás, Sem Pressa <i>Rui RIBEIRO</i> .....	81
Rua Rio de Janeiro!... <i>Raquel dos SANTOS</i> .....	84
São Caetano do Sul, cenário de Amor e Dor <i>João Ribeiro NETO</i> .....	85
Recordações de uma fotografia desbotada <i>Aleksandar JOVANOVIĆ</i> .....	87
Olhar adolescente <i>José de Souza MARTINS</i> .....	93
São Caetano <i>Aleticie Moretto BOTTAN</i> .....	99

---

# Um olhar poético sobre São Caetano

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
2002





*...Da minha janela,  
acima da placa  
"Vende-se", eu vejo o  
Parque Santa Maria...*

## *Parque Santa Maria*

*Claudino de LUCCA (\*)*

Da minha janela,  
acima da placa "Vende-se", eu vejo  
o Parque Santa Maria.

Quem diria...

Aqui era um brejo fundo  
com esgoto a céu aberto,  
de longe, era feio e triste,  
de perto, era triste e imundo.

Eu acreditei num sonho  
e arquitetei um plano.

Procurei a pedra que bloqueava a trilha,  
vi o sangue na mão operária,  
esperei paciente no alto dos andaimes  
que se levantassem esteios de metal,  
que o barro moldado adquirisse formas,



que a mentira de charcos, pântanos e rochas  
se transformasse em caminhos sólidos,  
perfumados de gramas e flechilhas.

...Eu vi na frente de uma tropa urbana  
um cavaleiro lutando corpo a corpo  
contra os moinhos da desigualdade,  
contra o sistema que reparte a fome,  
contra a miséria e sua maldade.  
Eu vi um homem construindo um Parque!...

Eu vi na porta desse parque novo  
o meu povo  
rindo e cantando  
o riso da graça e o canto das cores  
vi as crianças vindo para a escola  
as mães felizes como nunca  
apresentando para os filhos pequeninos  
os pássaros, as aves e as flores!  
Os pais andando em uniformes justos,  
o suor na face, o boné de marca.  
Eu ouvi na tarde o som da bola,  
o chute mais forte, na competição.  
Eu ouvi o aplauso no anfiteatro  
O parque inundado de amor e vida.

Na subida  
vi o namoro dos adolescentes  
eu vi o beijo  
eu senti orgulho  
eu me emocionei.

De madrugada  
a minha solidão se desnuda para a noite

feita de mistérios e silêncios,  
de estrelas e infinito.  
O lago é um espelho de cristal.  
O Parque inteiro não quer saber de nada  
além do seu repouso,  
nessa hora tudo é proibido para os humanos,  
só os gnomos e os duendes pequeninos  
saem dos arbustos  
para brincarem em burburinho de primavera  
imitando as crianças  
que observaram o dia todo.  
Eles me vêem e me ignoram.  
Eu já os vi, não vejo mais!  
Mas ainda os procuro...  
Num tempo de pouca lonjura,  
quando trazia a alma cheia de gente,  
via gnomos e duendes.  
Até conversei com o anjo Malaquias  
que me apresentou Quintana.  
Naquele tempo eu amava!  
Escolhia azulejos nos sábados à tarde,  
passeava pela Rua do Gasômetro  
em busca do mogno mais bonito.  
Eu construía uma casa...

Hoje quando o sono não vem  
e eu me perco na minha própria morada  
observo da janela a neblina  
que o vento branco sopra do Campestre.  
Irá derrubar as folhas,  
recolher as lendas,  
enfear o mundo.  
E antes que clareie o dia



e a vida recomece  
quem sabe eu tenha feito  
um novo poema  
com versos tristes  
dessaingrados de ausência  
com um título comercial  
"Vende-se uma casa em frente ao Parque".



Vista geral do  
Parque Santa  
Maria

Fundação Pró-Memória

Fundação Pró-Memória



...Quando a  
noite desce,  
cresce e abraça  
São Caetano do  
Sul...

## A Alma Das Ruas

Celso de Almeida Cini (\*)

Durante o dia, sob a intensa luz do sol de verão, o andar apressado dos moradores e visitantes, a agitação do trânsito e do comércio, o burburinho das choperias, bares e lanchonetes nas calçadas da avenida Goiás e, até a ruidosa assembléia da passarada, ao entardecer, no frescor verde do arvoredo que enfeita o cruzamento da Goiás com a Manoel Coelho, expulsam o anjo da guarda da urbe, *a alma das ruas!* Sentidos sensíveis, ela se espanta com a bulha humana e voa a esconder-se sob as nuvens alvas de imaculados lençóis celestes, fugindo à excitação e ao nervosismo citadinos. Do alto observa, olhos de cristal, aquele punhado da humanidade que, lá embaixo, se agita, trabalha, ama, enfrenta brigas e vive, alheia àquela quarta dimensão diáfana e calma do espaço e do tempo, onde mora a paz e a serenidade protege o largo cofre azul das lembranças históricas da cidade, antigas e recentes. Lá, *a alma das ruas* com sua espaçosa fronte de sabedoria e seus olhos feitos de tempo, permanece paciente à espera das sombras da noite que lhe devolvem a liberdade de percorrer alamedas, praças e becos sem ser importunada.

Quando a noite desce, cresce e abraça São Caetano do Sul a

(\*) Claudino de Lucca, professor universitário, teatrólogo, cantor e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.



calma volta a reinar, assim que o movimento decresce e a negra escuridade prenuncia a madrugada. É, então, que a *alma das ruas*, deusa notívaga, deixa seu olimpo e, sob a luz do Cruzeiro do Sul e do madrigal de estrelas companheiras, ou debaixo de céu toldado, com rendas de garoa fina ou mesmo de chuva copiosa, percorre a cidade derramando reticências de sonhos e poesia no arvoredo e nos jardins coloridos. E ela vem engalanada, com olhos enfeitados de gás néon e cabelos ostentando gotas de orvalho tênue, que lhe emprestam o brilho furta-cor da urbe iluminada e quase deserta. E, namorando a madrugada, ela conversa longamente comigo.

Sintonizo mente e coração, bem apurados e afinados, e posso ouvir o murmúrio religioso da *alma das ruas*, nas praças, nos monumentos, na fonte rumorejante que circunda o Monumento dos imigrantes: *trabalho* (cerâmica, tijolos) e *cultura*: *artes* (música, pintura, escultura, literatura, inclusive a sagrada). Dez figuras banhadas pelos jatos d'água, na praça que é coração e pulmão da avenida Kennedy, enriquecida pela inspiração desse poeta da pintura e escultura, Adélio Sarro. Cinco imigrantes do monumento olham à distância, onde se encontra a lendária escultura do Carro de Boi, estilizado, quase no final da Kennedy. Seu olhar busca as parselhas de bois e o carreiro, os ausentes, perdidos na distância do tempo e da imaginação e a *alma das ruas* lhes acena, como a dizer-lhes: *eles já não vivem!* ...

Figura quase mitológica, pertencente possivelmente a uma classe de anjos em extinção, invisível aos olhos, a *alma das ruas* só fala ao nosso coração. Tal como no Petit Prince, de Saint Exupéry: *on ne voit bien qu'avec le coeur: l'essentiel est invisible au regard...* (só se vê bem com o coração, o essencial é invisível ao olhar), somente o coração pode captar as ondas magnéticas por ela emitidas, decodificando-as aos nossos sentidos. Longe do rumor diurno e diuturno da cidade grande e

sua natural agitação, a *alma das ruas* fala ao nosso coração e nos arrebatava com sua natureza poética e as lembranças históricas de um passado que não volta, mas que insiste em influir no destino da cidade. É um paradoxo. São águas passadas que ainda querem mover o moinho de nossas vidas.

É madrugada. Estou junto à Praça dos Imigrantes e sinto que a *alma das ruas* empresta às figuras monumentais sua energia e, com um toque de magia, infunde-lhes um sopro de vida e as figuras agem, se irmanam e conversam com a *família e os trabalhadores* do vizinho Monumento ao Desenvolvimento. Todos os componentes se agitam, enquanto a cidade dorme. Os imigrantes murmuram cantos, poesia, preces por seus descendentes, suas vidas, seus filhos. E dão o exemplo do trabalho.

Como contraponto, os jatos cristalinos da fonte vibram e soam como um realejo saudoso e longínquo, lembrando dores e amores em tom suave como a brisa perfumada, em forma de garoa, que percorre a praça, nas horas mortas da noite, a lembrar-me cantos de saudades, vindos da península itálica. E o orvalho, produzido pela fonte, se esparge como benção da praça aos Imigrantes que lhe emprestam o nome. A *alma das ruas* conhece-lhes a saga, a luta, o trabalho árduo e a nobre contribuição cultural que, rompendo esferas, tornaram gigante a cidade-príncipe, hoje vertical, sólida, forte, plena de vida cultural!

É verdade, caro leitor, ao sair do Teatro Paulo Machado de Carvalho, em noite de concerto, ainda com os últimos acordes musicais da Orquestra Filarmônica local ecoando, a embalar sua memória, experimente caminhar a pé pela Kennedy em direção à Goiás. Cuide bem da sintonia fina de sua mente e do coração e você também ouvirá esse canto de sereia de que falo. A madrugada é boa conselheira para esse doce lazer noturno, quando o perigo dos assaltos que nos rondam, não assusta e



atropela a poesia e o canto que vão no ar. Ah! Ouvir ou sentir a *alma das ruas* a sussurrar-nos como era calma, simples e humilde, mas também dura, rude, inclemente e impiedosa, a vida dos primitivos moradores: dos frades beneditinos e dos pioneiros que plantaram em terras do Tijucuçu a primeira Capela da nascente freguesia, com o orago de São Caetano de Thiene, naquele longínquo 1717.

Deixe que *a alma das ruas* o leve a dançar com as figuras que compõem o Monumento aos Autonomistas, próximo à rua Espírito Santo e imagine a revoada dos pombos que cada um vai liberando para o voejar livre de cada pássaro, em busca de seu próprio destino, como queriam e sonhavam os intrépidos pioneiros da autonomia daquele São Caetano *velho*, subdistrito esquecido de Santo André. Ele era o moço, que *nos músculos sente a seiva do porvir* e está ávido para deixar a casa do pai, cuidar de sua própria existência e fazê-lo em vãos altos. Pobre de recursos, mas rico de juventude e força, tem planos, vontade férrea em criar, crescer. E mercê de sua fibra, o filho, jovem e lutador (oposto do filho pródigo), conseguiu. E hoje, *o pai Santo André vê o filho São Caetano do Sul* com orgulho, respeito e admiração, embora o tivesse abandonado.

Afinal hoje ele é príncipe e honra o título de nobreza que merecidamente alcançou, sob as bênçãos da *alma das ruas* e até do Espírito Santo, que empresta nome à via pública, ao lado do monumento!

Medite, depois, nos bancos da Praça dos Autonomistas, no Bairro da Fundação. *A alma das ruas e da praça* recitará com sotaque italiano os nomes gravados no livro pétreo ali aberto e narrará histórias dos tempos em que as festas italianas eram realizadas pelos antepassados, os próprios imigrantes, chegados com o vapor Europa, com o calor do cuore do sangue latino. E ainda murmurará *a boca chiusa (boca fechada)*, as canções trazidas pelo povo vêneto, saudoso de sua querida

Treviso que lá ficou. Ali estou com o coração a ouvir atento. E esse canto eleva meu espírito, com aquela trovadoresca *alma das ruas*, a fazer-me lembrar meus próprios antepassados, da mesma origem e semelhante destino:

- *Si, si, io sono nipote d'italiani: la mia nonna era nata a Firenze ed il mio nonno, a Arezzo!*, (Sim, sim, sou neto de italianos: a minha avó nasceu em Florença e meu avô, em Arezzo!) recordo a mim mesmo, tocado pelas lembranças da deusa madrinha. E mais: que, impregnada pela aura poética e romântica, minha avó recitava versos da poesia de Casério, um poeta da Toscana de seu tempo, enquanto admirava o *Castello do Bellosguardo (Bela Vista)*. Só falava o idioma de Dante, comigo. Viera em 1901, com o marido, Giovanni Cini, duas filhas e um rebento no ventre, junto a uma leva de toscanos que, chegados, rumaram para as fazendas de café de Ribeirão Preto. Só mais tarde, com a morte precoce de Giovanni, dona Santa Zelli Cini veio para Santo André (que abrigava São Caetano), *que era pequeno, mas grande demais*, num tempo em que São Paulo contava ainda com seus poéticos lampiões de gás... Ela veio, viu e venceu, com seus dez filhos e filhas, sua garra florentina e suas lembranças poéticas.

Eis meu diálogo com *a alma das ruas*, quando desperto junto ao Monumento à Mulher, no início da rua Alegre e da própria Kennedy, com o fim da Goiás, como resgate à força e contribuição da mulher de todas as raças. A soberba figura feminina, intrépida, valente, parece alçar vôo, com o manto, que o vento noturno transforma em asas, às suas costas. *A mulher alada* levita, com o olhar lânguido e alongado sobre a imponente e luminosa avenida Goiás que se descortina à sua frente. É a presença feminina da avó, da mãe, das filhas jovens, meninas, crianças, projetadas por ela, na vida da cidade. Humanos retardatários passam apressados em seus veículos, em demanda de casa e vindos Deus sabe de onde ... sem



perceber aquele vôo de presença e liberdade da Mulher Monumento!

Assim, no fim da madrugada, *a alma das ruas* me levava em vôo livre para todos os locais, tal qual um pensamento. E, como *pensiero non paga gabela* (*pensamento não paga imposto*), deixei-me conduzir para todos os pontos da urbe, a essa hora ainda imersa em profundo sono.

De repente, ao olhar para o nascente, percebi uma rósea claridade no horizonte, com o lusco-fusco ainda a toldar-me a visão. Esfreguei meus olhos insones que haviam atravessado a noite a admirar a poesia e os sonhos das lembranças e histórias que meu coração decifrara do longo colóquio que havia tido com *a alma das ruas*. Alguns pássaros se aglomeravam no volumoso arvoredado junto à Cidade da Criança, no Bairro Santa Maria. Os pardais faziam sua agitada oração do amanhecer, nas árvores junto ao pátio do estacionamento do Teatro Paulo Machado de Carvalho.

*-Ora essa, no verão amanhece tão cedo! . . .* Resmunguei entediado.

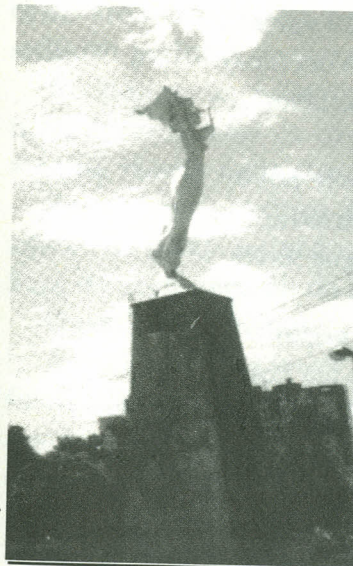
Ainda ligado nos acontecimentos da madrugada, busquei ouvir e sentir se meu coração sintonizava ainda a voz daquela deusa noturna que me fizera companhia durante toda a madrugada. Apurei a mente e os sentidos. Em vôo! *A alma das ruas* se fora, recolhendo-se ao seu olimpo, ao pressentir, pela clareza e os ruídos que cresciam a cada momento, que a barulhenta e agitada vida diurna da cidade ia recomeçar. Veículos apressados, de madrugadores, vinham da Kennedy em demanda da Goiás, rumo a São Paulo. Alguém acendera luzes na portaria da GM . . .

*-Adeus ou até breve, "alma das ruas" . . .* Balbuciei, ainda

sonâmbulo e um tanto ébrio por toda aquela aventura noturna! Agora, a realidade nua e crua exigia seu espaço.

*-Trabalhar e crescer é preciso, viver e sonhar, não é preciso, parodiei, aborrecido com a realidade impiedosa.*

Acredite, leitor amigo, foi verdade, aconteceu mesmo! E se non è vero, è bene trovato!



Fundação Pró-Memória

*...A soberba figura  
feminina, intrépida,  
valente, parece alçar  
vôo, com o manto...*

(\*) Celso de Almeida Cini, advogado e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo



## Rei dos Municípios!...

Yolanda ASCENCIO (\*)

Dizem todos que tu és um gigante...  
Em tão pequena área, estás contida...  
Descendente da fibra do imigrante,  
a ti me dediquei por toda a vida!...

Poetisa, te exalto no meu verso,  
cantando tua grandeza e teu valor!...  
Como te amo, cantinho do universo,  
onde se vence, com luta e labor!...

Professora, ensinei o nosso povo  
a te servir, sincero cidadão!...  
Vereadora, procuro sangue novo

pra te fazer modelo da nação!...  
Advogada, respeitando tua Lei,  
vejo em ti, São Caetano, nosso Rei!...

(\*) Yolanda Ascencio, professora, advogada, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo



Fundação Pró-Memória

...Entre as frondosas  
sibipirunas vê-se o  
prédio número 600  
da avenida, na  
praça do  
Estudante...

## Numa sacada da selva de pedra

José Roberto Espíndola XAVIER (\*)

É muito tarde e o vendaval passou. Deixou o ar despoluído e leve. Respira-se fácil. A temperatura amena acaricia as faces em brisa suave; o cheiro de molhado chega-me na sacada como ardiloso perfume de terra em cio.

No horizonte, relâmpagos distantes e insonoros são apenas luzes bruxuleantes de candeia enfraquecida e já procuro no céu alguma estrela mais atrevida.

Estou bem próximo da avenida Goiás, cujo burburinho se aquietou, a não ser por um e outro veículo ou a sirene do 199. Será da segurança ou da saúde? Ligo-me (força do hábito)

Quando não, cismo...

As árvores frondosas da praça aos meus pés, há pouco tão fustigadas pelo vento, agora meneiam em suave compasso seus ramos mais extremos, ao sabor da aragem. É um ritual de agradecimento coletivo à dádiva da água que reanima.

A velha paineira chorou copiosamente suas flores rosadas e estendeu esse pranto-manto desde o passeio da grama do jardim, que ladeia a velha prefeitura, até a entrada da minha garagem. Devolve em beleza a agressão furiosa do vento.



Logo mais, passos ligeiros conduzindo gente apressada, pisarão distraídos os mimos da natureza, sem se deterem, ao menos por alguns segundos, para apreciar tão raro espetáculo na selva de asfalto e cimento!

A saga do cotidiano, a necessidade angustiante de levar a vida, embrutece e nos aliena da ternura, (o pragmatismo, este inimigo da filosofia e da poesia!).

-Entre as frondosas sibipirunas vê-se o prédio número 600 da avenida, na praça do Estudante. É a casa da Lei, a casa da Memória, a casa da Educação, a casa da Benemerência...

Por muitos anos abrigou também o Poder Executivo.

Tenho o privilégio de viver bem perto de onde emana parte da história de São Caetano do Sul.

O olhar pervaga sobre as copas mais altas, do outro lado da rua, e repousa na concha acústica, na praça 1º de Maio, palco de tantas comemorações e onde se afinava a banda municipal para os eventos cívicos, (Relembro o dia em que Elba Ramalho agitou uma multidão incrível que se acotovelava na área do estacionamento!).

Mais adiante está a memorável placa identificando o cedro histórico plantado por Paul Harris, quando nos visitou, em 1955.

-Gosto de contemplar este oásis verde no meio do asfalto cinéreo e rústico. Dá-me um pouco de paz interior na difícil comunhão do urbano com a natureza.

As pálpebras começam a pesar. O relógio do Shopping marca uma hora da madrugada.

Porém, não me preocupo com o tempo.

Confio nos bem-te-vis, alegres anfitriões do desjejum, que anunciarão com estardalhaço o novo dia, acordando-me na hora certa. Foi sempre assim, há 12 anos, desde quando me mudei para cá e me tornei seu vizinho.

Têm a pontualidade de um cuco!

Hoje, quem sabe, venham também os periquitos, visitas raras mas de extrema beleza, cuja plumagem se confunde com as folhas. Há tempos não os vejo.

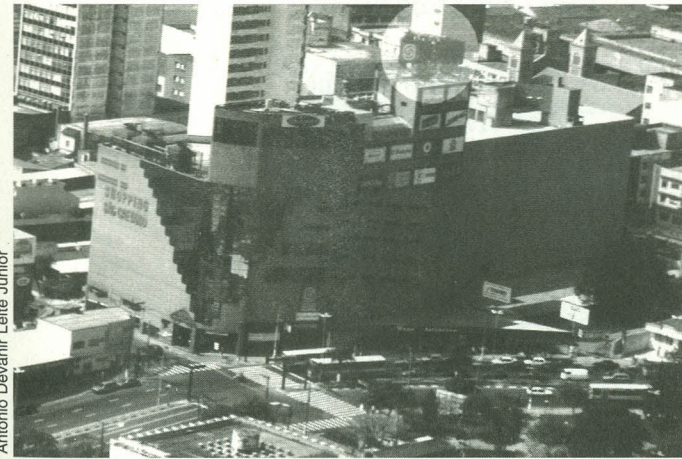
A simpática e pequenina curruíra prometeu que estará presente, acompanhando mais uma vez meu barbear com seu canto inconfundível.

Há também os ariscos assanhaços, discretas rolinhas pastadoras e sabiás não muito constantes. Pardais e pombos completam a fauna alada mais comum.

Recolho-me da sacada para o descanso.

Há que se estar preparado para a realidade do cotidiano, pois ela não permite o romântico nem deixa espaço para sonhos.

Antes, agradeço à Providência por estes olhos de ver, por estes ouvidos de ouvir coisas simples da vida, que mantêm aquecido um coração caipira na cidade grande.



Antonio Devanir Leite Junior

...O relógio do Shopping marca uma hora da madrugada...



## São Caetano do Sul

Aleticie Moretto BOTTAN (\*)

São Caetano do Sul,  
Debaixo de um céu azul  
És para os filhos da Terra  
E a quem soubeste acolher,  
A força que alenta nosso ser.

Altaneira e varonil  
Tens o dom da servidão  
A todos sem distinção;  
Pois és parte do Brasil  
Que é uma rica nação.

A cultura em ti sobeja,  
Todos vivem num afã  
Quando chega o raiar da aurora  
Saudando em cada manhã  
Para que sempre assim seja!

Te saudamos São Caetano...  
Do Sul ao norte felizes  
Por poder dizer muito ufano  
Entre cores e matizes:  
O quanto nós te amamos.

(\*) Aleticie Moretto BOTTAN, poetisa.

## Decertezas

Rinaldo GISSONI (\*)

Não lembramos os fatos  
sem lembrar os prefeitos,  
pois através de seus atos  
é que se firmam conceitos.

O patrício Pelegrino  
dizia com propriedade:  
*Meu amor é peregrino  
por esta nova cidade.*

Que dizer do Campanella,  
sempre ativo, sempre inquieto?  
Sim, o saudoso Anacleto  
foi herói da cidadela.

E o Massei? Quem foi Massei  
num período de acalmia?  
Vós não sabeis, só eu sei,  
era um homem que sofria.

Oh! Esse Braido, em ação!  
É notório que ele honrou  
A gloriosa tradição  
Que neste chão se formou.



Não faltou na nossa história  
quem superasse um Feijó:  
Restam-lhe os louros da glória  
pela obra de um Faraó!...

Decerto que Dall'Anese  
não se sentiu restringido;  
fiel à sua exegese  
fez governo comedido.

Finalmente, Tortorello,  
um engenhoso pedreiro  
que fez vibrar o martelo  
em cada golpe certo!...

Pois ali, no Sodalício,  
serão seus perfis traçados  
assim, sem mero artifício,  
os seus retratos falados!...

(\*) Rinaldo Gissoni, Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo.

## O Sabiá Solitário

Rui RIBEIRO (\*)

De repente, o canto de pássaro irrompeu da copa de uma das árvores do Grupo Escolar 28 de Julho. Pela modulação límpida, lembrando o trinado de flauta, identifiquei a voz de um sabiá. Era ainda o lusco-fusco da madrugada, nem claro, nem escuro. Uma estranha vontade de tomar café na padaria tirou-me da cama àquela hora e propiciou-me o inusitado privilégio de ouvir de novo o gorjeio inconfundível que conheço desde a infância interioriana, mas que havia muito tempo não escutava.

O jornalista confirmou que toda manhã, no mesmo horário, acontecia aquele concerto gratuito, só desfrutado pelos madrugadores atentos. Num instante me revi menino, em férias na fazenda, e a imagem inesquecível de um sabiá cantando no galho seco de limoeiro, iluminado pela luz do sol poente. Comparei o canto do passado com o que estava ouvindo e concluí que aquele tinha um tom nostálgico, ao passo que este era alegre, jovial. Talvez gozação do pássaro em cima de seu proprietário que, por distração, deixara a porta da gaiola aberta. Pois custava-me acreditar que existissem sabiás soltos pela cidade.

Semanas depois, nova surpresa, desta vez nas árvores que circundam o Paço Municipal. Imaginei tratar-se do mesmo sabiá, um exemplar único e itinerante distribuindo alegria sonora pelos bairros. Até então só notara bem-te-vis atrevidos e pardais chilreadores, aves já adaptadas à poluição dos centros urbanos. Após o encontro do sabiá, passei a prestar mais atenção e descobri sanhaços e beija-flores em arvoredos de jardins, além de rolinhas e chupins buscando alimentos no gramado florido que cobre a faixa de terreno sob os fios da Eletropaulo.

O meu sabiá some de tempos em tempos e reaparece, triunfante,



quando já o suponho aprisionado por algum maldoso. Houve época em que me procurou - acredite se quiser - cantando pela madrugada e à tarde na antena de televisão da casa que faz fundos com a minha. Só vendo para crer em semelhante anomalia. Como na poesia famosa de Gonçalves Dias, sabiás cantam em palmeiras e, por extensão, em outras árvores, principalmente laranjeiras, donde deriva o nome de uma das suas espécies mais conhecidas. A exemplo de outras aves e animais, por certo esteja tentando se adaptar a novas condições, no esforço de sobreviver. Para quem viu pombas debicando restos de hambúrgueres atirados à rua, não seria surpreendente ver sabiás pousados em antenas de televisão. A destruição do meio ambiente pelo homem obriga a ginástica permanente dos seres considerados irracionais. Devastação de matas e exploração imobiliária, desenfreadas, diminuem os espaços verdes, apesar da grita da imprensa e das entidades defensoras da ecologia. Notícias recentes deram conta de que o desmatamento acelerado da Amazônia é quatro vezes maior que a devastação da Mata Atlântica, encontrada em 17 Estados brasileiros, inclusive São Paulo. Segundo previsão do Instituto Sócio Ambiental, ela estará totalmente extinta nos próximos cinquenta anos, a persistir o atual ritmo de destruição.

Entendo que somente a formação de uma consciência ecológica poderá salvar o que ainda resta das nossas reservas florestais, possibilitar a restauração do que se perdeu e melhorar a qualidade de vida nas cidades. A escola assume importante papel nesse processo, pois a esperança está nas novas gerações.

O trabalho entretanto tem que ser ininterrupto, de *água mole em pedra dura...* Há que se falar todos os dias sobre o assunto e, saindo do discurso para a prática, plantar-se muitas árvores e preservar as existentes. Encampo a idéia de uma professora primária de que cada escola devesse ter em seu pátio, entre outras, uma árvore pau-brasil, cuja abundância na época do descobrimento deu nome ao país, mas que hoje pouca gente conhece, dada a sua raridade. A história ensina que os corsários e os primitivos colonizadores enfren-

tavam os perigos do mar para levá-los em grandes carregamentos à Europa, onde era utilizado nas tinturarias. Atualmente só serve para confeccionar arcos de violinos, instrumento cada vez mais substituído pela parafernália musical eletrônica. Quem sabe se, com mais árvores, possa-se atrair algumas aves órfãs da Mata Atlântica e uma companheira para o meu sabiá solitário...

De 1998, quando publiquei o texto acima, até agora, muita coisa mudou e para melhor. Já existem mais sabiás por aqui, alegrando a gente. Será que se trata de descendentes do meu pássaro, então solitário, ou imigrantes que se juntaram a ele, atraídos pela condição peculiar de São Caetano do Sul de reunir, em harmonia, características de moderno centro urbano e de pacata cidade interiorana?

(\*) Rui Ribeiro, bacharel em ciências jurídicas e sociais e escritor.



## Jogos Escolares!...

Yolanda ASCENCIO (\*)

Juventude saudável e querida,  
Ondas sonoras de pura alegria...  
Gerações em flor que cantam a vida,  
Onde impera o amor, reina a fantasia !...

Sonantes tambores, todos a bater...  
Escudos luzindo, mil bandeirolas ...  
Somos brasileiros ! Vamos vencer ! ...  
Como ? Conquistando ! Nossas escolas

Ornarão de louros nossa cidade,  
leda São Caetano do Sul, avante !  
Amamos a vida, o estudo, a verdade ...

Ruflam tambores, pequeno gigante,  
Expõe teu valor, teu hino de glória  
Sonoro entoando, invade a história !...

(\*) Yolanda Ascencio, professora, advogada, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Fundação Pró-Memória



Nave Central da  
Igreja Sagrada  
Família

## Matriz Sagrada Família

Eva Bueno MARQUES (\*)

Há 25 anos, uma rotina acontece:  
Às seis horas quando a tarde cai  
Naquele momento de prece  
De rezar a Ave-Maria  
Para encerrar bem o dia  
Os sinos poem-se a tocar.  
O clima da Praça Arcoverde  
Acaba de se transformar:  
Mil pássaros piando triste  
Pesam cada galho que existe  
Nas redondezas da matriz.  
Pessoas em volta do café  
Despedem-se ouvindo os sinos  
E vão alimentar sua fé.



Como me sinto feliz!  
Cada degrau da igreja  
É como se fosse um véu  
Que vou afastando com jeito  
Para enxergar direito  
A maravilha do céu.  
A luz tênue do local  
O silêncio celestial  
O convite é para a oração,  
Para abrir-se o coração.  
A velinha do sacrário  
Pisca pisca sem parar,  
No meu peito o relicário  
Abre as portas para orar:  
Na glória com seu poder  
Um Deus no trono admiro  
Na pintura lá do teto.  
À pomba do Espírito Santo  
Peço que me cubra com o manto  
E as virtudes dos sete dons.  
Concentrada com fervor  
Mãos cruzadas sob o queixo  
Embalada pelo sons

Da música suave  
Prometo firme o meu amor  
Ao Filho do Pai - Jesus,  
Pedindo a Ele força  
Para conduzir minha cruz.  
Visito os vários altares  
Vejo todos os santos  
Quietos em seus lugares.  
Olho nos olhos, observo.

Fundação Pro-Memória



Vista interna da  
Igreja Sagrada  
Família

A cada um faço pedidos  
Só com a força do olhar.  
Admiro a Virgem com seu menino,  
José com o seu lírio-escudo,  
Muitas velas ao redor.

Para a Sagrada Família  
Peço o que sei de cor:  
Graças para famílias e amigos  
Livre-os todos dos perigos.  
Continuo pelos outros altares  
Com pedidos singulares:  
Judas é um santo sério  
Mas para ele não há mistério  
Para o impossível atender.  
É muito alegre o Toninho  
Sempre quero que me ajude  
A encontrar um bom caminho.  
Benedito cozinheiro protetor  
Fazei com que não nos falte  
A comida e o amor.



São Caetano di Thiene, nosso padroeiro,  
Vossa vida é um exemplo  
Vivestes lá na Itália  
E estais em nosso Templo.  
Deixastes riquezas, vaidade  
Para se transformar em santo  
Protegei nossa cidade  
Cobri-a com vosso manto.

E as santas poderosas  
Que aprendi a admirar:  
Terezinha com as rosas

Parece que quer me abraçar.  
Luzia com os olhos na bandeja  
Dos males todos nos protegei  
E que eu veja só o bem.  
Edwiges tão querida  
A nossos trabalhos dai bênçãos  
Pois todos eles são  
A fonte de nosso sustento.  
Rita, minha Ritinha,  
Dai-me força, só mais esta  
Para vencer como vós  
Essa chaga em vossa testa.  
E a todos os anjos e santos  
Que não chamei pelo nome  
Cobri-nos com os vossos mantos.

Quando termino as preces  
E já lá fora escurece  
Cada imagem estática

Parece que não ouviu nada  
Mas no céu um milagre  
Mostra a força da oração  
E acontece por lá  
Uma grande confusão:  
Os santos, sobre patins,  
Deslizam entre os querubins  
Até derrubam uma lira  
Tocada pelos serafins,  
E vão em direção ao Pai.  
Quando chegam, cada santo  
Depois de correr tanto  
Entrega a lista que leva  
E juntos entoam em canto:  
"São os pedidos da Eva".

*(escrita em 1998, quando completei 25 anos de trabalho  
na Praça Cardeal Arcoverde,  
na agência do Banco do Brasil)*



Fundação Pró-Memória

*...Quando a  
noite desce,  
cresce e abraça  
São Caetano do  
Sul...*

*(\*) Eva Bueno Marques, poetisa, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Movimento dos  
Autonomistas,  
década de 1940



Fundação Pró-Memória

## Exaltação aos Autonomistas!...

Yolanda ASCENCIO (\*)

Bravos heróis, buscando a liberdade  
pra cidade que nasce e quer crescer!...  
Homens nobres, lutando de verdade,  
na ânsia incontida de vencer!...

Pra tornar São Caetano Município,  
só bastou a vontade otimista  
que bem firme marcou, desde o princípio,  
o movimento audaz do autonomista!...

Exalto, nestes versos, a memória  
daqueles que souberam se doar,  
valentes, marcando nossa história,

com páginas, que todos vão lembrar!...  
De São Caetano do Sul, com alegria,  
queremos celebrar a Autonomia!...

(\*) Yolanda Ascencio, professora, advogada, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Fundação Pró-Memória



Largo da  
Figueira

## Procurando a sombra da velha figueira

Humberto Domingos PASTORE (\*)

O domingo à tarde tem o dom de deixar as ruas muito vazias. E aquele dia não foi diferente. Caminhei os vários quarteirões da Rua Visconde de Inhaúma, no Bairro Nova Gerte, sem que visse outro transeunte. Acho que foi por isso que estranhei a presença de um velhinho olhando de um lado para o outro, como se procurasse alguma coisa.

Ao chegar perto, ofereci ajuda e descobri que ele queria saber onde estava o Largo da Figueira. Eu lhe contei que ele tinha mudado de nome, mas que se fosse até o final da *Visconde* poderia encontrar o local. O velhinho me contou que já estivera ali, mas não reconheceu o local. Respondi, então, que o progresso costuma chegar sem bater na porta, mas que vai se instalando na sala e logo tomando conta da nossa casa.

Ele gostou da conversa e me contou que há vinte e sete anos se mudara de São Caetano e que nunca mais tinha retornado, mas que agora tinha sentido vontade de sair de Sorocaba para rever sua antiga cidade. Foi aí que nos sentamos nos bancos da Praça Virgílio Leandrini, atual nome do seu antigo Largo da Figueira.

Descobri um certo ar de sociólogo em meu novo amigo, quando ele afirmou que o Bairro Nova Gerte tinha uma testemunha ocular do seu progresso. Ele falava da velha figueira, uma árvore que ao



longo do seus setenta anos continuava a acompanhar as mudanças verificadas a sua volta. Eu fui me interessando pela conversa e arrancando da sua memória os antigos fatos.

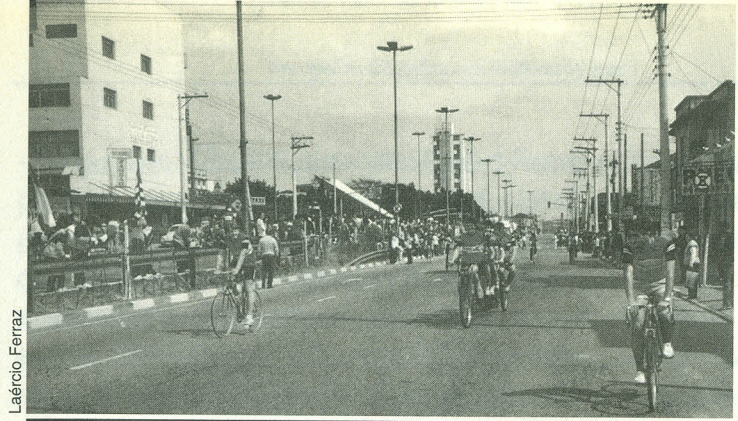
Com muita propriedade me contou que por ali existiam várias chácaras, pertencentes às famílias Fiorotti, Duó, Escobar, Leandrini, Déa e Beijó e que, bem ali onde está a figueira, ficava a porteira que dava entrada à Leiteria do falecido Antônio Gomes. Como era comum na época, dois mourões de madeira escoravam a porteira, e justamente num deles posou um pássaro para fazer suas necessidades fisiológicas. E ao deixar uma sementinha no local, acabou por realizar o milagre do nascimento de uma árvore. A semente foi penetrando na madeira e ganhando corpo, até chegar na terra firme onde fincou com mais energia suas raízes.

O antigo morador buscava em sua memória os dados para continuar sua narrativa. Explicou que, por ficar em um caminho obrigatório para os andarilhos, a pequena árvore logo se tornou um atrativo para o local. Ela não era de ninguém e ao mesmo tempo era de todos. As pessoas jogavam água e cortavam o mato em sua volta. Por volta de 1947, 1948, aconteceu um loteamento na vila, mas fizeram de tudo para que a árvore fosse preservada.

Um vento mais frio fez meu amigo se levantar para ir embora. Despediu-se e deu alguns passos, mas, de repente, voltou para contar que descobrira por que não reconhecera o local. É que o largo ficava na esquina das ruas Visconde de Inhaúma, Manoel Augusto Ferreirinha e Itu, só que essa última não existe mais. Antes de ir de vez contou que, na década de 60, um decreto municipal dera ao local, o nome de Largo da Figueira e que a Prefeitura tinha construído um coreto de madeira onde uma banda se apresentava nos finais de semana para as famílias que naquele tempo não davam muita atenção para os programas de televisão.

Em passos firmes ele foi embora. Parecia tomado por forte sentimento de saudade. Por certo estava ouvindo os dobrões, maxixes e valsas da sua antiga banda.

(\*) Humberto Domingos Pastore, jornalista e atualmente supervisor do Museu Histórico Municipal.



Laércio Ferraz

...ali perto a bicicletaria dos ferraz...

## Eu Ficus

João Alberto TESSARINI (\*)

Imagine nos anos sessenta um menino canhoto, calça curta mostrando as pernas tortas, geralmente descalço, usando óculos com aro *tartaruga* e obrigado pelo pai a cortar o cabelo tipo *topetinho*, agora tão na moda. Eu tinha apenas 8 anos quando mudei para esta cidade. Já estivera aqui algumas vezes, com o meu pai João, minha mãe Rita e minha irmã Tereza Cristina visitando parentes.

Jamais imaginei morar. Ao contrário, toda viagem era um martírio pois eu sabia que ficaríamos hospedados na casa de uma tia que tinha uns filhos com os quais fatalmente eu brigaria. Era entrar no ônibus e começar a vomitar. O que salvava um pouco era o biscoito de polvilho doce comprado na rodoviária.

Mas não teve jeito e um dia, como se costumava dizer, chegamos de mala e cuia, em verdade poucas malas e nenhuma cuia.

Era definitivo. Não vomitei nunca mais.

Fomos morar numa vila, no centro, Rua Claudir Bianchi Vieira, em uma pequena casa cedida pelos Rosanova, o tio Nelson e a tia Diva, irmã da minha mãe.

Aos poucos fui fazendo amigos e conhecendo os arredores. Meu eixo era a Rua Major Carlo Del Prete. Ao lado do ferro-velho dos espanhóis, um campinho que no mês de junho servia para a dança da quadrilha orientada pela Rosa, filha do senhor Erdonio Magri, o Buti, um típico, simpático e falante italiano, o dono do bar, o cria-



dor da famosa Pizzaria Brasil e do Restaurante Sinhá Moça. Os bairrinhos na casa da dona Estela e do senhor Antonio Neves, pais do Rubinho, o nosso melhor jogador - um menino muito parecido com o Elvis Presley. Vou sempre ser agradecido ao Jarbas Roberto Mazucatto, fã dos Beatles, o amigo que me permitia freqüentar a sua gibiteca, minhas primeiras leituras. Na escola dos padres (Escola Paroquial São Caetano, hoje Instituto de Ensino Sagrada Família) não escapei da diretora austera, dona Geni (que depois admirei por ser ela andarilha-voluntária nos Vicentinos); não resisti à professora Maria Aparecida Santos, *primeira paixão impossível*, e à loirinha Magali ..., a menina de perna grossa, *segunda paixão e primeiro trauma*, já resolvido com boas risadas ao recordar o pedido - eu: *Você quer namorar comigo?*, ela: *Você nunca se olhou no espelho?* Naquele dia, diante do espelho vutiligo, prometi que não cortaria mais o cabelo *topetinho*. Na seqüência, já adolescente, experimentei a alegria da chegada de mais irmãs, primeiro a Maria da Penha e depois a Rita de Cássia.

A cinco ou seis quadras da minha rua ficava a região da temida turma da São Francisco, a molecada mais briguenta da época. Entre as duas turmas outro campo de futebol, onde hoje encontramos a delegacia e o posto do INSS na Avenida Goiás. Ali perto a bicicletaria dos Ferraz, o pai, senhor Oscar e o filho Laércio, que em ocasiões especiais podia ser visto equilibrando-se em uma incrível bicicleta gigante.

Religião? Primeira comunhão, depois, eu, um coroinha que vivia tocando o sininho na hora errada. Para surpresa dos meus sentimentos de criança, o olhar bravo do padre Ézio que, na montagem de um presépio, ao martelar o dedo mostrou-me que padres também falam palavrão: *pqp* (com um sonoro e carregado sotaque italiano). Maravilha! Saldo da minha experiência no seminário: para tristeza do meu pai não fui ordenado padre; brincando no lago perdi os óculos com aro *tartaruga* e, na volta, comprei o meu primeiro par de lentes de contato.

Água era uma coisa difícil naquele tempo, faltava sempre. Um jeito era recorrer aos poços dos vizinhos e, em nosso caso, o mais próximo era o de uma mulher que, coitada, vivia de cara feia devido às filas enormes que se formavam diante da sua casa. Outra maneira, a minha preferida e de todos os meus amigos, era seguir o senhor Carmo e a dona Jacy, pais do Jarbas, até uma mina d'água na saída da cidade. Uma verdadeira aventura onde a garotada, levando latas, baldes e sabão, se transformava num *exército brancaleone* de algazarra.

Tempo bom. Campo fértil para o menino exercitar a liberdade que havia trazido da sua cidade natal, Pinhal, Espírito Santo do Pinhal, norte de São Paulo. Como todo caipira, tenho um pouco de verde no sangue e, ao recordar para escrever, percebo que a minha relação com a natureza também encontrou eco aqui. Na maioria das ruas podemos cruzar com os *ficus* (*bonsais* por força de certas circunstâncias) e os seus troncos ricos em expressões. Isso mesmo, quando olhamos bem, podemos perceber olhos, bocas, braços, verugas, rugas... cicatrizes. Para o meu espírito, voltado para as artes, a permissão de poder dialogar com essas criaturas muito me acrescentou.

Refazendo a trajetória constato que essas árvores sempre estiveram aí me acompanhando, olhando nos meus olhos, ouvindo as minhas palavras, mantendo-se firmes para a segurança dos braços do menino em balanço, bem antes de eu percebê-las. E mais, acompanham cada novo rabisco no meu rosto cinquentenário... cada cicatriz.

Com essas irmãs silenciosas, plantadas nesta cidade generosa que nos recebeu, eu e minha família, aprendi a sonhar fincando as raízes no imaginário com a consciência de que é o mesmo chão.

Sensitiva, a grande Cecília Meireles escreveu: *aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira*. Por isso São Caetano, eu fico.

(\*) João Alberto Tessarini, publicitário, editor e poeta.



## Príncipe dos Municípios!...

José Carlos AGOSTINI (\*)

Do mar revolto às praias tão desertas,  
riscando o globo e já marcando história,  
da jornada de amor, plena de glória,  
ergue-se um braço às lutas mais incertas...

adentra as matas virgens, encobertas,  
para escalar a serra, a raça vinga,  
e verte sangue das garras abertas,  
sobre o planalto de Piratininga...

E foi aqui que o facho iluminou,  
daquele tempo a fibra de além-mar,  
que nosso povo assim arrebatou...

São de trabalho e luta os teus princípios,  
pois do meu canto, Deus pode afirmar:  
Serás, príncipe, o rei dos municípios!...

(\*) José Carlos Agostini é poeta.



Fundação Pró-Memória

...Cada CASA  
abriga e abrigará  
um sonho...

## As casas de São Caetano

Mariza Lima GONÇALVES (\*)

São Caetano já foi uma cidade mais pura, mais poética e bucólica. Havia muita fruta: romã, mamão, laranja, pêra, goiaba, pitanga, ingá, mexerica, pêsego, uva. Crianças subiam nos pés de fruta e brincavam de se comunicar. Todas as CASAS tinham hortas. Couves, vagens e verduras irradiavam frescor. A vegetação era vasta e cobria os morros e os campos. O gado passeava pastando. Quando existia a Estrada do Curandeiro, jogava-se bocha, caçava-se codorna e perdiz nos matagais, fazia-se pão em CASA e ouvia-se música no gramofone.

Naquele tempo muitas CASAS não tinham números e algumas apresentavam, logo abaixo do telhado, em uma parte sobressalente, o ano da provável construção.

O gosto pelas CASAS com quintais e belos jardins espalhava-se. Eram rosas, margaridas, cristas-de-galo, saudades, cravos de defunto. Em todas as CASAS via-se pelo menos um pé de rosa.

Algumas famílias pintavam suas CASAS anualmente. Havia quem tirasse as telhas, que eram lavadas uma a uma. O madeiramento da CASA era escovado e pintado, para que, nas festas, como na Páscoa a CASA aparentasse beleza e ficasse como nova.

A cor da CASA também importava: branca, azul, rosa e teve uma amarela, abandonada no Morro dos Penteados, onde um cachorro louco foi encontrado.

Era possível, às três horas da manhã, ouvir os tijoleiros na olaria:



*pan-pan-pan.* O dia começava de noite e mulheres faziam pão em CASA, para o alimento da família. No quintal, em fornos de barro, os pães assavam. O cheiro invadia o terreiro. Com o mesmo barro que fabricavam os fornos, assentavam as CASAS. Sem piso, as camas afundavam na terra. Os buracos nas paredes das CASAS, onde se colocavam caibros de andaimes, à noite eram tapados com pano e jornal, para o vento não entrar.

E o vento não poupava as CASAS. Alguns se sentiam mais protegidos, como no CASARÃO dos De Nardi, em frente à olaria. Outros tinham CASINHAS e dessas havia um punhado, no início da colonização, e nem sempre o abrigo era suficiente e confortável como os quartos de aluguel: uma única porta, sem janela, onde queimavam querosene em uma lata para se aquecerem. Não era um sonho de CASA! Não era um sonho de vida!

CASAS bem baixinhas foram construídas para serem alugadas. Na rua Perrella apareceu o primeiro sobrado e poderia ser visto como CASA de dois andares.

Os cortiços apareciam. Espanhóis, italianos, portugueses e brasileiros enchiam as CASAS dessas moradias. As da frente ofereciam maior comodidade do que as CASAS do fundo. Eram cerca de quinze famílias morando cada uma em uma CASA de quarto e cozinha, sendo a privada coletiva.

CASAS compridas, em terrenos estreitos e longos, quase tocando a outra rua, eram comuns. Na frente do terreno os pais construíam suas CASAS e, à medida que os filhos iam casando, iam construindo suas CASAS no quintal. Nos espaços livres, as famílias cultivavam seu jardim e a horta.

CASAS, CASINHAS, CASEBRES, CASARÕES... De que tempo são essas CASAS? São as CASAS misturadas de todos os tempos, desde quando na cidade pés pisavam o barro e o barro amassado construía através dos tempos. Tempo em que o homem desmontava a terra e montava a vida.

São CASAS de um tempo árduo, onde homens e mulheres puxavam a carroça de sua vida. Mulheres cobriam o rosto, lenços na cabeça, rugas amontoando-se e imprimindo cansaço. E assim o tempo. CASAS subindo para o alto. CASAS acompanhando os morros. Umas aqui, outras acolá. Umas de dois cômodos e área na

frente. Outras CASAS com frente alta, porta alta, janela alta, alta, alta... CASAS, CASINHAS, CASEBRES, CASARÕES. Onde foram? Onde estão indo? Onde se escondem? Em que ruas sobrevivem? Estão atrás dos prédios, acanhadas? Estão enterradas pelo asfalto, pelo cimento? Estão guardadas nas gavetas, amareladas pelas fotos em preto e branco? Qual o futuro das CASAS da cidade? O martelo? A pá? A picareta? O entulho? Para onde vai tanta história escondida atrás das paredes de uma CASA? Todas as respostas estão aí, vivendo na memória das pessoas, que buscaram em São Caetano um lugar para erguerem suas CASAS, construírem suas vidas, edificarem sua passagem. Cada um escolheu a CASA do seu sonho. Cada um escolheu sonhar com uma CASA. Cada um passou anos e anos construindo no seu íntimo a CASA da sua vida. Cada um, sempre que possível, passou para as outras gerações a CASA da sua vida, a vida da sua CASA. Qualquer que seja a história, qualquer que seja a resposta para as indagações, ela repousará na memória daquele que buscou essa cidade para aqui viver e sobreviver. Cada CASA abriga e abrigará um sonho. Cada CASA vencerá seu tempo e viverá para sempre nas paredes dos corações daqueles que nela habitaram.



...Cada CASA  
vencerá seu  
tempo...

Fundação Pró-Memória

(\*) Mariza Lima Gonçalves, professora, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo



## Minha cidade São Caetano do Sul

Lourdes de VITA (\*)

Cidade criança que eu te vi nascer  
Crescendo comigo ao longo do tempo  
Hoje eu posso jurar que te vejo sem desafios,  
E uma alvorada desperta no teu chão

O céu resplandece um novo horizonte  
E a visão enxerga um mundo mais jovem  
Cidade que deu liberdade aos seus filhos  
E na igualdade entrelaçam as mãos  
Formando uma só força e buscando ideais

O progresso chegou agasalhando seus filhos  
Somos antigos com idéias novas  
E nesse jeito novo renovamos o grande cérebro  
Onde há um coração que continua criança  
Aqui somos uma família, e um povo que cresce

Cidade de paz cidade de amor  
De jovens que sonham e que desejam  
Se entregando numa luta sem fronteiras  
Num patriotismo de irmãos

(\*) Lourdes de Vita é poetisa.

Margarete Schiavinatto



## Permanência

Margarete SCHIAVINATTO (\*)

Rua Castro Alves, 13 de fevereiro, segunda-feira de carnaval,  
quase duas da tarde. As moças e os moços descendo a rua para o  
baile do Guarani. Maria sendo mãe, Orlando sendo pai, e a partei-  
ra, Dona Ruth, segurando a menina magrelinha.

No ano seguinte, o primeiro menino; mil novecentos e sessenta  
e um, o segundo.

Família crescendo, dinheiro escasso, feira na porta de casa todas  
as quartas.

## Memória

Na infância de minha mãe  
a presença da maçã  
no perfume aprisionado  
em papel de seda.

Amenizando vontades  
e ausências.

- Dona Maria! Posso pegar água?

Era o verdureiro da feira pedindo licença para usufruir a água do  
poço. No final da manhã agradecia em silêncio com braçadas de



almeirão, couve e cheiro-verde que deixava na mureta do terraço; uma paga pela água que manteve fresco o seu produto.

Depois o pai e a mãe foram atrás dos sonhos levando a menina e os meninos no colo ou puxados pela mão.

Aos domingos voltávamos para visitar as tias e a nona Gioconda.

A minha cidade é grande e pequena. Na infância, cabia em uma única rua; um horizonte visível aos olhos da menina.

A Isabel, a Mariazinha, amigas das primeiras brincadeiras, onde estarão? Nossas casas eram separadas por dois poços d'água; bem certo que estes não existam mais.

E o grande quintal, ainda permanece?

### *O Poema das Amoras*

As amoras têm gosto de ontem.  
De muro pulado, joelho sangrando.  
Têm gosto de volta, de lembrança,  
dedos vermelhos, língua doce.

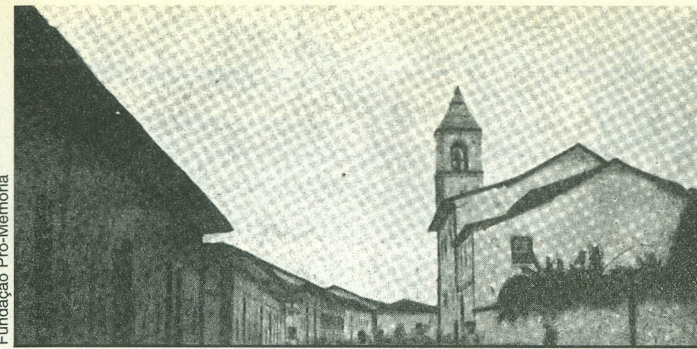
As amoras retocam a cor  
da infância.

Na minha lembrança alimentada pela mãe, tem a venda do Machadinho, o bar do senhor Alcides e da dona Floripes, o barbeiro da esquina... Uma fotografia guardada, renovada.

Escadas, paredes, canteiros. A casa onde nasci foi transformada. Quando passo por lá, quase não a reconheço. Passaporte para a infância permite, quando me aproximo, ouvir os barulhos de mil novecentos e cinquenta e seis, cinquenta e sete, cinquenta e oito...

Hoje São Caetano do Sul é mais do que uma rua, uma infância, é minha casa. Passo a maior parte dos dias por aqui. Ainda não amanheço sob este céu que lhe cabe a cada instante, mas breve, brevíssimo, amanhecerei.

(\*) *Margarete Schiavinatto, psicóloga e poetisa.*



*Antiguíssima e primitiva Igreja do Convento de São Bento, dos padres Beneditinos - os fundadores da fazenda de São Caetano*

## *Encantamento e Espanto*

*Wilson LODUCA (\*)*

Pode chamar de espanto ou de olhar de encantamento, o nome não importa. O fato, sim, tem grande importância, por ser daqueles que mudam para sempre e em profundidade a pessoa que tem a sorte de viver a experiência.

Ter nas mãos o papel amarelado, coberto de manchas, com as letras manuscritas esmaecidas, quase totalmente apagadas na maioria dos casos, nos remete a três séculos atrás, à data de 1680, e a nomes como o de Manoel Temudo, partícipes da história de São Caetano, lidos com dificuldade não só por causa da ação do tempo, como também pela letra volteada e o vocabulário seiscentista, nos lembra de realidades como a precariedade da vida, cada indivíduo desaparecendo no tempo e no espaço, e, ao mesmo tempo, a vida sobrevivendo e permanecendo, pelo milagre da reprodução e da transformação.

Lá estão, como se vivos fossem, o bandeirante Fernão Dias Paes, o Rei e o Imperador do Brasil, na referência a S. Mgst "*Sua Magestade, assim mesmo, com a terminação elevada*", os carimbos



de pagamento de tributos laboriosamente recortados a mão, a assinatura dos mandatários, dos sesmeiros, mandando e cobrando com sua presença viva, as taxas em "patacas", como linguagem normal e corrente, postulantes em disputas judiciais por datas terras, todos redivivos pela magia e encantamento do papel autêntico que os monges guardaram como tesouros protegidos pelo som do canto gregoriano que soa quase o tempo todo, e um conveniente veneno contra o ataque de inimigos naturais que devoram papéis.

Na biblioteca do Mosteiro de São Bento, com autorização do Irmão Eduardo, diretor da Faculdade de Filosofia, e do leigo Wilson, bibliotecário, tivemos acesso aos Códices dos beneditinos, que guardam documentos autênticos desde o distante ano de 1680, no século XVII, até o final do século XIX, encontrando aqui e ali referências conhecidas, como o córrego "dos mininos", rio do Couro e outros, refazendo imagens e recriando sons.

O certo é que, naquela paz dos mosteiros, o andar suave, a pedra antiga, as vozes contidas contrastando com o coro de crianças, na escola vizinha, que recitam à moda antiga suas lições de classe, os hábitos escuros dos padres, apesar do calor, largas paredes isolando o burburinho da rua, o espírito viaja para tempos seculares e vai às várzeas e colinas, aos índios e colonos, à operosidade dos monges da olaria e, depois, dos imigrantes, que fizeram esta cidade tão pequena em território e tão grande para seus filhos, que se orgulham dela.

(\*) Wilson Loduca, jornalista e escritor



Antiga APAE -  
Associação de  
Pais e Amigos  
dos Excepcionais

## *Caminho de Esperança*

*Maria do Céu Formiga de OLIVEIRA (\*)*

Quando pequena precisei muito de sementes!  
Precisava ver alguma coisa se transformar  
pelo toque suave das minhas mãos.  
Foi assim que comecei a fazer de algumas rotas áridas,  
Ternos caminhos de esperança.  
Algumas desapareceram no tempo,  
não se vêem mais.  
Ficaram lá pelos refolhos da alma  
onde a mão não toca mas, reedita no coração.  
Andei muito com calça rancheira  
cheia de sementes  
de um bairro ao outro,  
de uma Santa Paula a uma Santa Maria,  
do jardim da minha infância  
ao bosque de todas as pérolas, de todas os pólens  
onde o que não podia faltar  
era o que meus bolsos continham .... esperança.



Eu e minha adorável irmã de andar sincopado,  
um tanto trôpego, meio temeroso,  
sempre sorridente,  
caminhamos muito pelo zigue-zague da fé  
em direção àqueles canteiros férteis, mais que férteis,  
sedentos de sementes.... de flores.... de frutos....

Antiga APAE.

Inesquecível Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais,  
onde os anjos desfilavam com a humildade dos sábios  
e a grandiosidade da presença de um Deus

que, delicadamente,  
fazia tudo terminar em céu!

Quanto tempo se passou...

Só os íntimos sabem que tenho dificuldade  
para acompanhar a velocidade das coisas  
embora suporte muito bem a saudade  
e o final da tarde  
cuja beleza maior é desaparecer....

Hoje a estrada de terra batida  
tão turva nos tempos ensolarados,  
não é mais a mesma.

Teve seu rio engolido, coberto, redefinido.

Seu dorso reflorestado, iluminado.

(Quem sabe por algumas de nossas sementes).

Não há mais o porquê de tanta sutileza e sensatez  
para atravessar a pontezinha malandra,  
insensível aos perigos desta vida.

Não há mais porquê redefinir o andar na próxima esquina,  
nem torcer para a chuva não nos amedrontar,  
nem inviabilizar aquelas famosas miudezas  
que íamos jogando (sem muito alarido)  
ao longo daquela esperança....

Nada mais é exatamente como era.

Nem a estrada de terra batida  
(tão empoeirada nas tardes de silêncio e sol),  
nem eu,

nem ela - aquela menininha movida  
pela necessidade de ser um pouco mais e melhor.

Hoje, com o movimento redesenhado  
pelos anos de andança e tantos fulgazes milagres,  
acrescentamos à inclinação pelas sementes,  
e pelo toque suave das nossas mãos,  
a mania de colher vaga-lumes nas noites  
que parecem sem fim para depois distribuí-los,  
espalhando estes pequenos faróis  
onde há gente que não vê anjos desfilando  
com a humildade dos sábios,  
nem tão pouco aquele Deus delicado que,

em silêncio,

fazia e fará eternamente tudo terminar em céu...  
(azul...bem azul...abençoado.)

(\*) *Maria do Céu Formiga de Oliveira, professora e poetisa.*



## São Caetano "di Thiene"!...

João Miguel dos SANTOS (\*)

28 de julho: Cidade de São Caetano do Sul

7 de agosto: Santo da Divina Providência

Caetano nasceu em *Vicenza*-Itália em 1480  
Filho do Conde *di THIENE*, família nobre,  
Jovem de boa índole bem melhor se orienta  
"Para servir a Comunidade" da gente pobre!...

Completo estudos, *Doutor* em Fraternidade,  
Direito Civil, Eclesiástico marcou presença,  
Recebeu Ordenação, também excelente lealdade  
*Do Papa Júlio II*, em 1516: plena Renascença!...

Secretário e Escritor das *Cartas Apostólicas*  
Batalhou pela Caridade, virtude dos hospitais,  
Fundou a *Ordem dos Caetanos*, Ligas Católicas,

*Vida de Santidade* ... Quatro pontos cardeais! ...

Sempre boa praça, artérias de sangue azul,  
Imagem de *Feliz-cidade: São Caetano do Sul!*...

(\*) João Miguel dos Santos, administrador de empresas e poeta.

## Aceita um Cafezinho?

Gilberto Tadeu de LIMA (\*)

Lembro-me de que tinha seis ou sete anos de idade. Isto significa que os fatos ocorreram ali pelos idos de 1964, 1965...

O bairro Olímpico não tinha este nome. Aliás, ainda nem era bairro formado. Havia muitos terrenos vazios, o mato crescia, ficava bem alto, cenário ideal para as guerras de canudos. Um pedaço de mangueira, pouca coisa mais comprido que uma caneta, era a arma. Um canudo de papel, colado na ponta com abundante saliva, era a munição. Eu e os da minha idade éramos hábeis na confecção dos canudinhos. Sobrava-nos fôlego e tínhamos boa pontaria, de modo que mandávamos os projéteis onde quiséssemos.

Monte Alegre Novo: este era o bonito nome do lugar.

As ruas ainda não tinham nomes, eram apenas numeradas. A Luiz Fiorotti, por exemplo, era a Rua C-4.

Entre as casas do seu Hipólito e do seu Armando (atuais números 205 e 225) ficavam dois grandes terrenos, que chamávamos de *campinho* - era ali que disputávamos nossas peladas e sonhávamos:  
-Quando crescer vou jogar feito Mané Garrincha...

Em frente ao campinho era a casa de meus avós. Da janela de minha avó Lilica dava pra ver toda a paisagem...

Quando chovia a Rua C-4 ficava intransitável, um enorme lamaçal.

Caminhões atolavam no barro. Lembro-me de um que atolou em frente à casa do seu *Pedro Marceneiro*. Por mais que tentassem tirá-lo, não houve jeito. Só saiu do buraco três dias depois, quando o sol secou a terra.

O asfalto viria em 1966.

Mas o que quero narrar se deu antes.

Em 64 (teria sido em 65, meu Deus?) começaram as obras da



rede de esgotos.

Os operários trabalhavam o dia inteirinho, braços fortes cravando as picaretas no solo, abrindo profundas valetas, que rasgavam a rua de ponta a ponta.

O suor escorrendo, fertilizando o chão para o progresso brotar. Pás e enxadas removendo a terra para o desenvolvimento de São Caetano.

Olhar atento, observava os trabalhadores. Morria de pena, achava aquele serviço árduo demais para tantas horas seguidas.

Comentei com minha mãe, que concordou comigo:

*-Coitados, o dia todo cavando valeta neste sol e não têm um cafezinho pra tomar...*

*Imediatamente sugeri:*

*-Mãe, se a senhora fizer café, eu levo para eles tomarem. A senhora faz? Faz?*

Não tínhamos café nem açúcar sobrando, mas ela me deu esperanças:

*-Qualquer dia eu faço, qualquer dia...*

Precisei esperar uma semana, mas, diante de minha insistência, uma bela tarde ela fez.

Peguei o bulinho cheio do café que acabara de ser coado, três canequinhas de louça e fui para a rua levar para os operários que, logicamente, não esperavam a mordomia, e ficaram contentes, muito agradecidos.

Puderam descansar por um minuto e saborear a bebida predileta dos brasileiros.

Mas o contentamento deles, nem de longe, pôde ser comparado com toda a felicidade que senti naquele momento.

(\*) Gilberto Tadeu de Lima, professor e escritor.

## Uma Visão Poética

Nicola TORTORELLI (\*)

São Caetano do Sul é um dos Municípios mais conhecidos, não só no universo político, como no mundo social, cultural, comercial, industrial e recreativo. Ele oferece aos munícipes e visitantes a metamorfose daquelas 500 braças de terras que os frades Beneditinos mantinham. Era um lamaçal de cor escura, de forte odor nada aromático, natural de terras com águas estagnadas, pouco profundas, que obreiros utilizavam na feitura de alguns utensílios.

### O Santo Padroeiro - O Sacerdote

São Caetano di Thiene nasceu em outubro de 1480 em Vicenza, era filho do conde Gaspar Di Thiene e da condessa Maria Porto, religiosos, bem situados, educaram Caetano no amor a Cristo. Jovem, formou-se em direito na Universidade de Pádua, onde se doutorou em direito civil e eclesiástico. Em 1505 mudou-se para Roma onde permaneceu treze anos. No Natal de 1517, já era sacerdote, em plena Renascença. Diante de sua bela vida como pregador do Evangelho, foi apelidado de *Caçador de Almas*. O povo dizia: *Caetano no altar é um anjo, no púlpito é um apóstolo*. Fundou a Congregação Superior da Ordem, com Jean Petro Carafa. A primeira casa foi em Roma, junto à Igreja de Santo André do Valle, a segunda em Nápoles, e as demais casas, com seus irmãos, em Vicenza, Verona e Veneza. Transferido para a Igreja Santa Dorotéa, trabalharam na associação de Transtévere, Companhia do Divino Amor onde, antes, Santa Catarina há 20 anos ativava obras de caridade, visita aos pobres e socorro aos necessitados, época essa em que Lutero começou sua luta anticatólica. Uma obra religiosa foi realizada: a feitura de asilos aos sífilíticos, com a ajuda do genovês Étore Varnazza, perto do Hospital São Giácomo de Roma; em



Vicenza, em 1519, em Verona e Veneza, respectivamente, em 1524 e 1552. Nessa época Caetano teve que voltar para Roma para ficar ao lado da mãe que estava muito doente; lá tornou-se reitor da Igreja de Santa Maria de Mello e responsável pelos Santuários do Monte Soracte. Em 1523 voltou a Carafa, já bispo de Chiete. Em 1527 houve o saque de Roma e corrida de refugiados para Veneza. Caetano disse: *Roma, antes era santa, agora é uma babilônia*. Em 1533 Caetano foi eleito Superior de Nápoles e Carafa. Cardeal, foi nomeado Superior de Veneza onde combateu o luterano Ochino. Voltando a Nápoles, como Superior absoluto, organizou o Instituto de Cléricos Regulares que devia servir de modelo à vida do clero. Esgotado de tantas lutas, e estafado na pacificação de discórdias, adoeceu quando uma embaixada de Carlos V garantiu a paz. Caetano foi incansável ainda na defesa da pobreza, organizando "montes de piedade" com aprovação de Clemente VII. Foi um modelo para os reformadores do século XVI, como João Ghibert, de Verona, São Gerônimo Emiliano, São Camilo de Lelis e Santo Inácio de Loiola, que o tiveram como guia espiritual. São Caetano di Thiene, com 67 anos de idade veio a falecer no dia sete de agosto de 1547, data a ele consagrada no calendário cristão. Nesse dia, esse Santo de olhos azuis recebeu a extrema unção, e Frei O. Bernardi, OFM, disse: *Vida organizada e santa é um tesouro, onde ladrão não chega e a traça não corrói*.

Frases de Caetano: *Cristo espera e ninguém se move; as almas se purificam não no amor sentimental, mas no amor divino; Deus está em Nápoles, como em Veneza; buscai o reino de Deus e a Sua Justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas; meu Salvador morreu na Cruz, quero morrer sob suas cinzas; não há outro caminho para o céu a não ser o da inocência ou da penitência. Quem abandonar a primeira tem que trilhar a segunda*. Caetano, dotado de favores divinos, foi um dedicado pregador de Cristo, numa vida agitada, principalmente contra a Inquisição, a Alemanha Reformista, e o Cisma Luterano.

(\*) Nicola Tortorelli, professor, escritor e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.

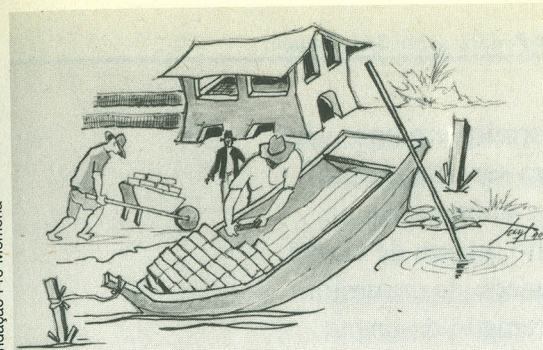


Ilustração de  
Jayme da Costa  
Patrão

## Taquyvossu

Milton ANDRADE (\*)

### 1º Episódio

Porque não servissem  
ao plantio,  
os índios chamaram  
a estas terras de  
Taquyvossu,  
que quer dizer barreiro grade.  
Ali, quando o Tamanduatey  
transbordava,  
suas águas deixavam,  
ao voltar ao leito antigo,  
um grande lodaçal, onde  
as sementes se afogavam,  
apodreciam, antes mesmo de greladas,  
e quando, ao acaso,  
viravam planta,  
suas raízes eram feixes finos de cabelos,  
bêbados de água  
e de argila vermelha.



Esse barreiro era bom, sim,  
para ser modelado,  
e virava pote,  
utensílio, massa de adobe,  
brinquedo de curumim,  
arremedo de onça,  
macaco ou passarinho.  
Pouco além desse barreiro,  
a que chamavam também de Tijucuçu,  
as terras ganhavam consistência:  
aqui e ali  
uma palmeira, uma peroba,  
um pé de pau mais firme.  
Um capão de mato depois,  
e, por fim,  
na borda do campo,  
a floresta invadia todo o espaço de terra  
e escondia bicho de peso.

De repente,  
a distância se acabava em despenhadeiro  
de onde se podia ver,  
de longe e bem abaixo,  
o mar, sonhando distâncias.

No Taquyvossu,  
quando a noite chegava,  
as onças vinham matar a sede  
e farejar algum filhote de bicho  
esquecido pela mãe.  
Era ali que dormia o medo  
e o Curupira.

Mas quando, devagarinho,  
o sol tangia a escuridão,  
trazia tataral de asas  
e de pios,  
uma alegria de cores,  
e o barreiro se fazia bonito.

Ora se deu que um dia,  
quando o sol a pino  
fazia estalar as folhas das embaúbas,  
começaram a chegar  
dos lados da borda do campo  
homens brancos,  
armados de bacamarte,  
pólvora e cobiça,  
que, sem pedir licença a ninguém,  
foram invadindo a paisagem.

Foi então, que,  
meia légua distante  
da borda do campo,  
por ordem de Martin Afonso de Souza,  
ergueu-se o pelourinho  
na vila de João Ramalho.  
E a povoação de bugres e de mestiços  
ganhou nome:  
Santo André da Borda do Campo,  
primeiro pouso  
depois da longa escalada,  
dentro do cipoal da mata,  
para quem arribava de São Vicente.



Foi nesse tempo  
que os padres da Companhia de Jesus  
procuraram os caminhos  
dos campos de Piratininga  
e ali levantaram  
um cruzeiro,  
e o colégio de São Paulo.  
Logo,  
o padrão com as armas de Portugal  
era trazido da Borda do Campo  
para o pátio do colégio,  
e Santo André haveria de perecer.

Pelo Tamanduatey,  
estrada que anda,  
haveria de seguir  
o pelourinho transplantado,  
pesada pedra,  
pesando o peito de João Ramalho.  
Até o Porto Geral,  
deitado aos pés do novo centro  
e, a seguir, arrastado,  
subindo a longa ladeira,  
cumprindo,  
até o final,  
as ordens de Mem de Sá,  
Governador Geral do Brasil.

*(Canto primeiro de um longo poema sobre São Caetano do Sul, que está sendo elaborado)*

*(\*) Milton Andrade, advogado, poeta e ator.*

Fundação Pró-Memória



## *Homenagem aos imigrantes de São Caetano do Sul*

*Eva Bueno MARQUES (\*)*

Os povos do além-mar  
Vieram para ficar.

Vinte e oito famílias disseram a Vêneto:  
Adeus! No navio a vapor  
Trouxeram saudades dos seus  
E nas malas muito labor.

De Mântua mais uma leva  
Chegou alguns meses depois  
Vieram aos primeiros se juntar.  
Todo início é tão difícil  
Mas nem por isso desistiram  
E se puseram a trabalhar.

Os povos do além-mar  
Vieram para edificar.



Os italianos chegados  
Sobressaíram aos escravos  
Da Fazenda dos Beneditinos.  
Dia após dia a labuta  
Os recursos tão pequeninos  
Tijolo sobre tijolo, suas casas edificaram  
Somente a vontade bruta.

Batalhadores - massaram barro  
Plantaram, colheram e aqui  
Depositaram suas esperanças.  
Incutiram com bravura  
A fé em suas crianças.

Os povos do além-mar  
Vieram nos ensinar.

Precárias condições encontradas  
Só pensaram em progredir.  
Braços manejaram enxadas  
Quanto suor a cair  
Molhando as camisas rasgadas.

Muitos sóis e muitas luas  
Abençoaram o trabalho  
Do nosso povo pioneiro  
Por isso nada foi falho  
As fábricas foram em frente  
Graças àquela brava gente.

Chegou com a primeira guerra  
Outro fluxo de imigrantes: alemães,  
Húngaros, ucranianos e franceses,  
Povos de países distantes.  
Depois os espanhóis, portugueses e japoneses  
Que do trabalho são amantes.

Oh! Povos do além-mar  
Quanto exemplo a nos dar!

Ao longo desses anos  
Os fatos que montam a história  
Com o sucesso da autonomia  
Tudo ficou na memória.  
Cada um fez sua parte  
Cada um mostrou sua garra  
E a cidade se fez com arte,  
Pujante, bela, sem amarras.

São Caetano de Thiene,

Nosso santo protetor,  
Mantenha sempre em nós  
Dos imigrantes o vigor.

São Caetano é hoje o que é  
Porque os imigrantes tiveram fé.  
Este município é destaque  
Por tudo que já possui.  
Aqui, o sucesso segue adiante  
Cada habitante é um elo  
Na corrente forte e vibrante  
Vislumbrando um futuro belo.

Oh! Povos do além-mar  
Responsáveis por nos dar  
O início. Os habitantes agradecem.  
Unidos na maior prece  
Olham no céu azul  
As estrelas que iluminam  
São Caetano do Sul.

(\*) Eva Bueno Marques, poetisa, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



## Exaltação ao Bombeiro!...

Yolanda ASCENCIO (\*)

Eu vos saúdo, ó homens do fogo,  
Pela bravura, labor e coragem !...  
Não vos abate da vida o jogo,  
Razão principal da minha homenagem!...

Vosso valor brioso exaltamos,  
Com justiça, guardando na memória,  
Vossos feitos que hoje celebramos,  
Pincelando de ouro nossa história !...

Bravos heróis, soldados generosos,  
Que não poupam esforços nem amor !...  
Salvando vidas, sempre valorosos,

Por certo, mereceis este louvor !...  
Pudesse conclamar todo o Universo  
Pra vos saudar, *bombeiros* no meu verso !...

(\*) Yolanda Ascencio, professora, advogada, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

## A nossa vida é uma praça bem florida

João ANHÊ (\*)

Lembrar e sentir o que já passou  
e voltar ao sentimento irresistível:  
um momento que a beleza encontrou  
quando a saudade no tempo exige.

Entre a resignação e as lembranças  
permanecerá a cor nas tardes do adeus:  
reminiscências que ficaram na lembrança,  
no estado da alma que o tempo esqueceu.

Senti defini-la e com amor vou pensando  
a praça florida exalando vida e perfume.  
Borboletas e abelhas o aroma sugando  
num bailado de dores a natureza se une.

Nos caminhos da vida em cores de anil  
ofertando para os olhos multicores.  
E o retrato da vida um verdadeiro perfil  
lembrando dia e tempo de outros amores.



Num passado distante, a PRAÇA CARDEAL ARCO VERDE,  
a IGREJA bem freqüentada e hoje pouco lembrada.  
Era o encontro dos namorados assíduos permanente,  
hoje a Praça tumultuada freneticamente modificada.

Hoje o coração financeiro da cidade, um potencial,  
vai acontecendo os grandes negócios no momento.  
A praça tumultuada é o progresso dos tempos natural,  
um aglomerado de pessoas que trabalham dando exemplo.

Lembrar que nos comunicamos com a saudade,  
tudo se modifica na existência da nossa vida.  
Recordar que o tempo traz à tona a verdade,  
momentos alegres e as tristezas são sentidas.

Em cada ano menos vida pela nossa frente:  
olhar o presente sem pensar no passado.  
A esperança é a dádiva sempre permanente  
quando o adeus vai chegando sempre apressado.

O que fazer agora, a vida é passageira  
DEUS nos deu o tempo para viver bem  
Quem aproveitou fez coisas verdadeiras,  
você extrapolou, vai prestar contas ao além.

(\*) João Anhê, comentarista esportivo e poeta.

## O Riozinho

Gilberto Tadeu de LIMA (\*)

Vai longe o tempo, barreira intransponível.

A memória, no entanto, mexe, remexe, vasculha seus mais profundos arquivos, e resgata os fatos e as imagens, com tal precisão e nitidez, que até parece que tudo aconteceu há 40 minutos e não há quase 40 anos...

Quem hoje contempla, a partir da Acascs, os belos jardins da Avenida Presidente Kennedy, a pista de caminhadas, a Conde de Porto Alegre, a Rua Solimões, obviamente não podia ver nada disso em 1963, 1964, 1965...

Não havia o clube, o asfalto, nem a pista.

O Córrego do Moinho - com suas águas ainda limpas - seguia seu curso preguiçosamente, sem a camada de concreto a cobri-lo, em busca do Tamanduateí.

Numa tarde de sol, movido pela curiosidade de meus seis anos, fui sozinho até o córrego - a menina chamava de *riozinho*. Tinha que atravessar duas ruas: as atuais Luiz Fiorotti e Pelegrino Bernardo. A vegetação ainda era abundante e espessa. Vencido o último terreno (hoje uma viela), cheguei ao rio.

As imagens são muito vivas em minha lembrança. Naquele trecho bem em frente ao clube, onde hoje a Kennedy e a Conde de Porto Alegre se abraçam, o córrego era largo, bem largo, represando um volume de água considerável. Muitas árvores nas margens ajudavam a formar a beleza do lugar. A paisagem daria uma bela foto...

Ao chegar, pude ver muitos moleques. Eram 15, 20, ou até mais.

Só de calções, nadavam e mergulhavam, numa felicidade contagiante. Iam de uma margem à outra, movidos por vigorosas braçadas. Eram todos moradores das redondezas, garotos mais velhos.



que eu. Tinham seus 10 anos, 12, 14...

Parei sob as árvores e fiquei apreciando aquelas belas cenas, sorriso estampado em meu rosto infantil.

De repente um moleque, que eu não conhecia, convidou-me para nadar.

*-Vem você também. Cai na água, cai...*

Eu não sabia nadar (não sei até hoje).

Meu anjo da guarda, de plantão naquele dia, não permitiu que eu cometesse tal loucura. Contive-me. Fiquei ali quietinho, apenas observando os mais crescidos, que nadavam feito peixes.

Estas cenas ficaram bem guardadas em minha mente. Há um lugar especial para elas.

Não me esqueci até hoje.

Não esquecerei jamais...

(\*) Gilberto Tadeu de Lima, professor e escritor.

## Museu de São Caetano do Sul

Darcy Gripp BASTOS (\*)

Num dia bonito, ensolarado, procurem visitar  
Um recanto aprazível, digno de se ver.  
Neste momento quero a todos convidar  
Para usufruírem horas sadias de lazer.

Circundando por alamedas verdejantes,  
Ouvindo o trinar dos pássaros, alegre, taful,  
Fica o pequenino Museu dos Imigrantes  
Em nossa querida São Caetano do Sul.

No parque, sente-se brisa leve a sussurrar;  
Do mirante toda a cidade se descortina;  
Emergindo das três fontes ouvimos murmurar  
O canto suave da água cristalina.

Adentremos nessa Casa de exemplos estimulantes,  
Ouçamos as explicações de sua Diretoria gentil:  
Conheceremos a luta dos valorosos imigrantes  
Aplicando suas experiências em terras do Brasil.

Trabalhando, essa gente deu grande contribuição;  
Assimilando os costumes, deixou de ser estrangeira  
Trazendo o progresso com tenacidade e abnegação;  
Amando-a, fez sua a Pátria brasileira.



Agradecido, todo brasileiro deve isto reconhecer:  
Esta colaboração foi importante e surpreendente!  
Sendo o Brasil imenso, poderá acolher  
Aqueles que desejam trabalhar honestamente.

Naquele recinto histórico sinto-me emocionada!  
Poeticamente sentimentos sinceros registrei;  
Homenageando a todos, na imagem sempre lembrada  
Do seu patrono, Oswaldo Samuel Massei.

Nessa obra tão carinhosamente realizada  
Seu fundador fixou passos inesquecíveis, marcantes...  
Um homem terá sua memória perpetuada  
Quando prestar à comunidade serviços relevantes.

(\*) Darcy Gripp Bastos é professora e poetisa.

Antonio Devanir Leite Júnior



## *Percorrendo a Avenida Goiás, Sem Pressa*

Rui RIBEIRO (\*)

Por força das circunstâncias estou me transformando num minucioso conhecedor da Avenida Goiás. Dentro de mais pouco tempo por certo saberei citar de cor os estabelecimentos comerciais situados em cada um de seus quarteirões, os que abriram, os que mudaram de ramo e os que fecharam na ciranda da globalização. Meu conhecimento a respeito da principal via pública do município não decorre porém de falta do que fazer. Acontece que, quase todos os dias, a percorro de ônibus, pelo menos uma vez para ir e outra para voltar. O trânsito flui tão devagar, que vou decorando sua geografia e peculiaridades. Não obstante a pequena extensão, leva-se quase mais tempo para percorrê-la inteira do que o restante até o Parque D. Pedro, quando se vai a São Paulo.

Num desses dias, sentou-se a meu lado um indivíduo que se pôs a discorrer sobre os motivos responsáveis pela lentidão que tanto



irrita os que têm horário a cumprir. Segundo sua ótica, existe excesso de conversões e de faróis, além da falta de sincronia entre eles, gerando o efeito que denominou *dominó invertido*, ou seja, a cada semáforo que abre, fecha-se o seguinte. Pelo tom firme em que discursava meu eventual companheiro de assento, julguei-o um especialista. Recomendei-lhe que transmitisse suas considerações às autoridades, que por certo muito o agradeceriam. Respondeu-me com uma careta: *Qual o quê, irão rir de mim. Não sou engenheiro de trânsito como o senhor pensou, mas um simples alfaiate. Bem, até logo, que já estou atrasado*. Dito isso acionou o sinal e desceu no ponto seguinte, não sem antes aguardar por nova abertura de farol.

Entretido com a conversa, deixei de reparar nas três paineiras florescidas num gracioso conjunto defronte do Instituto Cel. Bonifácio de Carvalho. Pouco distante delas, na entrada do Teatro Municipal, havia outra, solitária, cuja copa foi destruída por temporal, tempos atrás. Serrados os galhos, ela brotou de novo e vinha se recuperando lentamente, mas teve de ser sacrificada pelas obras da reforma do prédio. Também já não existe a vetusta paineira da Praça 1.º de Maio que, durante anos, derramou suas flores rosa-escuras sobre o conhecidíssimo *escorregador de elefantes* e testemunhou o início de muitos namoros, na época em que a juventude ali se reunia aos domingos, com direito a retreta grátis e pipoca paga. Restou da velha árvore pedaço pequeno do tronco, onde brotou espontaneamente, ou foi plantado, um substituto vegetal da espécie que não dá flores. Se prosperar, oferecerá boa sombra aos que ficam aguardando o ônibus no ponto próximo.

Muitas vezes acontece de o veículo em que viajo (porque o percurso é realmente uma viagem) ficar encalacrado entre os faróis que separam as duas passagens para pedestres construídas defronte do antigo prédio da Prefeitura Municipal e localizadas a cerca de cinquenta metros uma da outra. Vem-me à mente curioso incidente que teria ocorrido com um célebre escritor francês, Honoré de Balzac,

se não me engano. O romancista só conseguia se concentrar para escrever, quando trancado em seu gabinete. Ocorre que ele possuía dois gatos de estimação - um grande, outro pequeno - que arranhavam a porta do aposento, para entrar ou sair, tirando-lhe assim a concentração criadora. Para conciliar a situação, o escritor chamou um carpinteiro e mandou que fossem abertos dois buracos na porta, para que os animais pudessem circular livremente. *Não bastaria um buraco grande?*, ponderou o operário. *E o gato pequeno?*, respondeu o romancista num repente de distração.

Não há que negar que, se tem trânsito lento, a Goiás dispõe de atrativos. Belo espetáculo para os olhos são as árvores conhecidas por *pata-de-vaca*, nome que deve derivar do formato fendido de suas folhas, semelhante ao casco daquele animal. Existe uma infinidade delas ao longo da avenida, principalmente nas calçadas que margeiam a General Motors e as praças Juscelino Kubitschek e São Caetano Di Thiene. Suas flores, brancas ou lilases, lembram orquídeas e exalam um perfume tão discreto como o de certas mulheres de bom gosto que, para senti-lo, há que se chegar muito perto.

Quanto ao excesso de carros, responsável maior pelas freqüentes interrupções do trânsito, tenho opinião própria a respeito. Da mesma forma que riqueza atrai riqueza, na expressão do ditado popular, automóvel atrai automóvel. Terá que haver mesmo muitos veículos circulando pelo seu leito a avenida que abriga uma indústria que os produz e numerosas lojas para comercializá-los ou equipá-los.

(\*) Rui Ribeiro, bacharel em ciências jurídicas e sociais e escritor.



## Rua Rio de Janeiro!...

Raquel dos SANTOS (\*)

A Rua ...  
Não é minha, nem tua,  
É de todo mundo  
Que passa num segundo!...

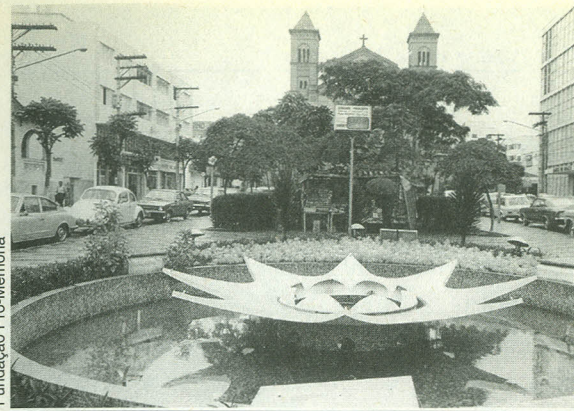
De fato ...  
Convéns admitir,  
Livre é o ato  
De ir e vir!...

De asfalto, cimento pronto  
De pedras, poeira do chão,  
Rua é Ponto de Encontro.

Rua é Traço de União!...  
Rua estreita laços de amizade,  
Implacável quando é Saudade!...

(\*) Raquel dos Santos, jornalista e poetisa

Fundação Pró-Memória



Praça  
Cardeal  
Arcoverde

## São Caetano do Sul, cenário de Amor e Dor

João Ribeiro NETO (\*)

*Nossa cidade está repleta de pessoas bonitas e jovens, senão em idade pelo menos em espírito, das quais eu destaco os casais de namorados que desfilam por nossas ruas e bairros.*

*Aliás, essa crônica foi inspirada nesses casais sul-sancaetanenses que embalam sonhos vivendo seu primeiro amor e suas primeiras desilusões nessa área, tendo esse município como cenário.*

*Homenageio, portanto, a cidade como um todo, todos os bairros e lugares que durante anos e anos espiam os casais de namorados em busca da felicidade. Daí o nome dessa crônica: São Caetano do Sul, cenário de Amor e Dor.*

Acordamos à luz frouxa de um sol que se fazia pequeno, criança, fingindo pusilânime ser. Mas nada disso, ele, circunspecto, grave, recebia da madrugada a notícia de que se dissipou um casal.



Era um casal vaidoso, egoísta, explosivo...

Amaram-se os dois no limite entre o ódio e a paixão. E a paixão, receosa, baixou sua voz e perdeu para a separação.

O namoro daqueles dois daria tema de romance britânico ou de alfarrábio escrito em latim, mofando em prateleira roída por cupim.

Foi uma mistura de ingredientes. Teve beijo, lama, abraços, ofensas, promessas e frustrações. Hoje, algo estranho aconteceu!

Uns lábios procuraram uma boca que não exalou hálito algum.

Umhas mãos não se uniram às outras, os corpos não estremeeceram no passeio porque passeio não houve.

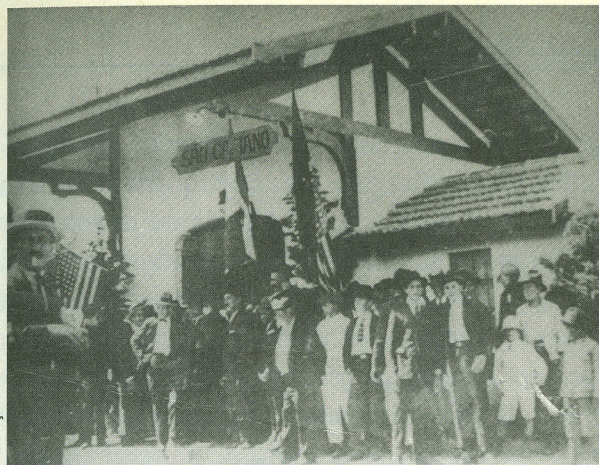
As cadeiras do cinema não eram mais daquele casal, roubaram-nas!

Não tocou a música romântica e nem um cartão atreveu-se a caneta, desprovida de tinta, a escrever. Escrever o quê?

O testamento já foi aberto e prossegue a sucessão. Em igual parte dividiram o legado. Brigas, dessa vez, não houve. Coube 50% de mágoa, arrependimento e tristeza a cada um.

O que fazer com a herança? Não sei! Guardá-la, talvez, ou escancará-la em forma lacrimosa por toda São Caetano, *Cenário de Amor e Dor*.

(\*) João Ribeiro Neto, advogado e poeta.



Fundação Pró-Memória

Estação São Paulo Railway, década de 1920

## Recordações de uma fotografia desbotada

Aleksandar JOVANOVIĆ (\*)

A manhã de março erguia-se vermelha sobre o céu ainda carrancudo. Havia chovido muito no dia anterior. Carregava um guarda-chuva e muitos pensamentos. Giuseppe esperava o trem na estação de São Caetano. Iria ao Parque da Luz encontrar os amigos. Domingo era dia de descanso e, também, oportunidade para colocar a conversa em dia.

Mal podia imaginar que seis anos mais tarde São Caetano também seria palco da verdadeira guerra travada entre o governo e os rebeldes comandados pelo general Isidoro Dias Lopes. Ou que, oito décadas mais tarde, isso tudo não passaria de registro semi-opaco sobre as páginas dos livros de História. Quando Giuseppe passeava pela cidade de São Paulo, ouvia as histórias que velhos moradores contavam sobre os diversos locais. A Ilha dos Amores, no rio Tamanduateí, num braço do rio, local próximo ao Mercado velho de peixe. O Beco do Sapo, no charco da Ponte do Acu, no começo da rua Anhagabaú. E deixava a imaginação fluir, o quanto podia.

Tampouco poderia imaginar que, no final do século, sua própria fotografia desbotada repousaria no fundo de uma gaveta esquecida



na casa de algum descendente desmemoriado, que jamais teve interesse em escavar a história da família para entender quem era quem naquelas imagens esmaecidas e o que cada um fazia ou poderia ter feito em seu tempo. Tempos de outrora, condensados sobre os milhares de pontos de luz-e-sombra capturados por uma câmara, ou rabiscados sobre documentos também emudecidos.

Enquanto o trem sacolejava sobre os trilhos, as idéias e lembranças embaralhavam-se. Era 1918, e uma sangrenta guerra continuava devorando a Europa. As notícias eram confusas e preocupantes. Recordava os amigos que haviam retornado ao Velho Continente para lutar contra os Tedeschi, os austríacos e alemães, mas não conseguia separar o destino de alguns recém-chegados que contavam histórias inacreditáveis a respeito daquilo que se passava na Rússia. Konstantin, seu amigo ucraniano, era um deles. Pena que houvesse tanta dificuldade na comunicação entre eles; falar português não era o que melhor Konstantin conseguia fazer.

A paisagem desfilava diante das janelas do vagão e, de repente, cenários da Emilia-Romagna sobrepunham-se aos quadros do subúrbio paulistano. Vinte e três anos antes havia chegado de lá. Desembarcara em Santos e, pela primeira vez, havia posto os olhos sobre a copiosa paisagem tropical. Era um mundo novo e estranho. Mistura de cores, sons e, principalmente, povos. No começo, sentia dificuldade de entender esse emaranhado que era São Paulo, com tantos italianos, como ele próprio, espanhóis, portugueses, negros, alemães...

Sim, a grande greve do ano anterior criou vários problemas para Giuseppe. Precisava tomar cuidado para não ser preso. Poderia ser expulso, sabe lá Deus o que mais aconteceria, como tudo poderia terminar. Era acusado de ser um anarquista, mas as coisas não eram bem assim, pensava. Afinal, Ferrarin, seu amigo, que havia conseguido montar um pequeno negócio próspero perto da estação da Luz, não era operário nem militante, mas simpatizava com as idéias que pretendiam estabelecer mais igualdade entre os homens.

A vida passava rápida. Grandes levantes camponeses sacudiam sua Emilia-Romagna natal quando decidira ir embora. Do outro lado do oceano, encontraria tantos outros peninsulares e, em São Caetano, esses vênetsos que falavam de modo diferente e engraçado. Depois, chegariam até japoneses a esse Brasil curioso. Sorte mesmo era ter aprendido a ler e escrever, imaginava enquanto espia-va as manchetes dos jornais. Sabia, de outro lado, que não era tão diferente dos colonos vênetsos, porque todos eram oriundos do campo. Muitos haviam conseguido prosperar no comércio; alguns abandonaram as terras da antiga colônia e fabricavam tijolos. Ele, ele não. Era mistura de artesão com operário, como tantos outros em São Paulo e arredores, onde as fábricas começavam a brotar aqui e ali.

Aliás, quantas mudanças havia presenciado (...) a canalização do Anhangabaú, em 1906 (...) aquela história da Ladeira São João e da rua do mesmo nome (...). Em 1900, o tal João Nhá Mãe morreria, deixando como lembrança o hábito do banho tradicional de São João, no dia 24 de junho de cada ano, assistido por devotos e pelo povo, no Tanque Reúno, perto da rua da Liberdade. E também na agora desaparecida Ponte do Acu, desaparecida com a canalização do Anhangavaí. Ali mesmo, onde havia o Mercadinho de São João, com seus barracões feios. E o Teatro Politeama.

Curioso por natureza, tentava entender como se diagramavam as grandes alterações nessa cidade complicada, grande. Já lhe haviam contado algumas histórias curiosas sobre o Beco dos Barbas, a Travessa Porto Geral, que, outrora, terminava nas margens do rio Tamanduateí. Era ali, no Porto do Tamanduateí que as canoas da fazenda de São Caetano atracavam, levando cereais, frutas, tijolos. Sim, três anos antes, o conselheiro Rodrigues Alves conseguira terminar a retificação do Tamanduateí até a foz, o rio Tietê, e Giuseppe lembrava o rebuliço que isso havia criado.

A bem da verdade, a fotografia empalidecida de Giuseppe, mais conhecido como Zio Beppe, encerra interessante composição, bas-



tante típica dos países que acolheram gente de todas as partes do mundo. Lá está, à direita, o ucraniano Konstantin, ladeado por dois paulistanos quatrocentões; ao lado, um descendente de alemães, dois negros, um espanhol, dois húngaros e três portugueses. O que faziam juntos esses homens de origens sociais e étnicas tão diversas diante do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo no começo do século XX? Difícil de explicar, embora tudo indique que estivessem, de alguma maneira, ligados ao Liceu. Tampouco fica evidente por que Zio Beppe visitava São Caetano; trata-se de razões que também permanecem desconhecidas. E que ali fosse acolhido por algumas famílias, que lhe davam abrigo temporário, ficam mais estranho ainda.

Interessante que jamais conseguiu entender o que teria vindo fazer aqui seu conterrâneo João Batista Líbero Badaró, que virou, inclusive, nome de rua e tudo. Doutor em Medicina pela Universidade de Turim, aquele italiano de 32 anos chegara ao Brasil para classificar as plantas da flora tropical, na esteira de Saint-Hilaire. Exerceu, contudo, a medicina, aplicando sangrias, visitando a clientela montado sobre um cavalo branco. Viveu aqui quatro anos, até ser assassinado na rua São José (que hoje leva seu nome). Embora desconhecendo o português, redigiu o jornal Observador Constitucional, tornando-se, assim, panfletário. Ao morrer, proferiu a frase que o celebrizou: "Não me iludem, sei que vou morrer, não importa. Morre um liberal, mas não morre a liberdade". Tudo isto aconteceu muito tempo antes de Beppe ter chegado e ter aprendido o português.

Sim, mas ele conhecera pessoas que hoje ilustram as páginas da História de São Caetano. Bem ou mal, conviveu com elas, sabiam quem eram e o que faziam. E ouviu histórias que sequer ficaram registradas. As queixas dos antigos colonos e descendentes, as lembranças da primeira refrega registrada, em 1878, quando chamaram o cônsul italiano para reclamar ao governo da Província o cumprimento de promessas feitas aos imigrantes. Não conseguira presen-

ciar a festa de Santo Antônio, em 1908, em torno da Matriz de São Caetano. Estava ocupado com outras coisas. Mas soube que bateram até fotografia do evento. Tomara que sobreviva e não seja esquecida no fundo de alguma gaveta cheia de carunchos, teias de aranha e outros minúsculos seres microscópicos, cuja companhia pode ser considerada, digamos, inconveniente. Imagine, sua foto sendo deglutida por pequenos monstros invisíveis, e sem consideração alguma. Aquele colarinho duro, engomado, empertigado, sendo rasgado por maxilares impalpáveis. Triste destino. Melhor seria sobreviver pendurado sobre uma parede fria e úmida? Quem sabe...

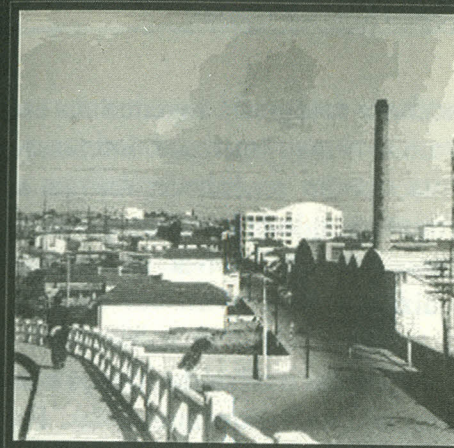
De mais a mais, ouvira histórias estranhas sobre a Igreja do Carmo, que gostava de visitar (lá de cima, havia uma bonita vista do Brás e arredores, inclusive era possível ver onde ficava São Caetano, lugar em que muitos de seus amigos viviam). O caso de frei Inácio, estrangulado, conforme dizem, por dois escravos, num beco escuro. Escravos condenados, em 1859, às galés perpétuas, salvos da forca pelo testemunho de um estudante.

Metódico, anotava muitas idéias e impressões num caderninho de bolso. Claro, escrevia em italiano, por vezes misturado com palavras em português. Quando morreu, parentes jogaram as anotações dentro do baú com que viajara no final do século anterior. A seu exemplo, tantos outros imigrantes, das mais diversas nacionalidades, haviam feito anotações, guardado correspondência com familiares residentes no lado oposto do planeta, registrado atas de reuniões diversas. E o pó, talvez habitado por minúsculos aracnídeos, esse pó implacável cobria, em lugar desconhecido, esses pensamentos, impressões, sentimentos, que poderiam perpetuar fragmentos ou flagrantes de uma época.

Lembrava-se de inúmeros acontecimentos. E sempre era o trem dos ingleses que o ligava a São Caetano, aliás, San Gaetan, como diziam alguns de seus moradores, e ele próprio. Trem limpo e pontual. Companhia dirigida por uns ingleses sérios, de pouca conversa com estranhos. Muitos chegaram a morar em Jundiá, outra cida-



de em que vênets acabaram se estabelecendo. Era o trem, sim, que o havia transportado ao casarão que acolhia imigrantes e onde havia sido registrado. Uma aventura incomum: sair de sua cidadezinha, chegar, depois de muitas peripécias, a um grande porto, embarcar num navio, atravessar os mares e desembarcar num lugar quente, chuvoso, entrar num trem e chegar a uma cidade habitada por cores, sons, cheiros e gente desconhecidos. Recordações que repousam num fundo de gaveta...



José de Souza Martins, "Vista de São Caetano"  
[c. 1956]

## *Olhar adolescente*

*(São Caetano dos anos cinquenta nas fotografias de um adolescente)*

*José de Souza Martins (\*)*

As fotografias aqui expostas não foram escolhidas porque tenham qualquer qualidade artística, como se pode ver. Decidi-me por fazer esta exposição a partir de uma reflexão sociológica sobre o olhar como meio de expressão e compreensão da realidade social. O olhar expressa um modo de ver que revela, ao mesmo tempo, o lugar e a situação social de quem vê. A fotografia, em particular a chamada fotografia vernacular e popular, documenta uma compreensão do mundo e da vida, congela não só uma imagem, mas também um entendimento do que é visto e nele revela uma visão de mundo.

Ao reencontrá-las, perdidas e maltratadas em caixas, envelopes e gavetas, depois de muitos anos sem me interessar por elas, dei-me conta de que justamente sua irrelevância, o nenhum cuidado com os temas e a composição, o foco não raro mal ajustado, as cenas sem

(\*) Aleksandar Jovanovic, professor universitário e jornalista. Atualmente é Diretor de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul



graça, tudo, enfim, que condena a fotografia ingênua ao esquecimento era justamente o que atraía o meu interesse. Interessado em fotografia como sou hoje, não podia reconhecer-me na autoria daquelas fotos que me interrogavam, que me pediam que as examinasse com atenção, que tentasse entendê-las. Não são as fotos que me falam e muito pouco me dizem.

Ao rever essas fotos, encontrei nelas o olhar da criança e do adolescente e, justamente por isso, não me reencontrei nelas. Foi uma surpresa topar comigo mesmo, com outra idade, já distante, num modo de ver em que não me reconheço. Vi-me, de repente, num exercício de alteridade comigo mesmo, num reencontro desenhado de um outro eu que se me apresenta como estranho.

O que nelas me atrai é que nelas há um pedaço de mim mesmo que já não conheço. Quase me dá vontade de dizer: “Muito prazer em conhecê-lo! Por acaso não nos vimos antes?”

Seria muito difícil refazer o já feito que aparece nessas fotografias. Há nelas uma narrativa não sobre os temas fotografados, mas sobre o meu olhar de menino que começa a vestir calça comprida, do adolescente que começa a interrogar o pequeno mundo que o cerca. É o meu olhar que me pede para ser visto numa estranha proposta de alteridade. Estranhei-me, desconheci-me. Eu não sou eu nessas fotos pela razão simples de que faria tudo diferente do que fiz. Não fotografaria desse jeito, não escolheria esses ângulos, não falaria desse modo.

Minhas fotos falam do olhar de alguém que já não sou, um ver que não reconheço. Sou um estranho nesse modo de ver antigo, de quase meio século, quando eu era muito mais ingênuo do que ainda sou, quando minha cidade ainda era inocente e infantil como eu também era. Nem ela mesma posso reconhecer, no casario térreo

das ruas centrais, quando muito assobradados; no coreto da Praça da Matriz; nas bandas de música dos domingos à noite; nas ruas calçadas de paralelepípedos ou mesmo nas ruas de terra, esgoto a céu aberto; nos meninos de calça curta e pé no chão; nas ruas quase vazias, o céu devassado, o silêncio que ainda se pode ouvir nessas imagens que me dizem que cresci e envelheci. Essas fotos me falam da presença de minha ausência, de um permanecer no berço, de um nunca ter saído.

Fico triste em face desse não ver-me no meio de pessoas com as quais convivi, crianças com as quais brinquei, amigos com os quais estudei, ruas em que caminhei nos passos cotidianos de um cenário de placidez suburbana. Fico triste porque essas fotos são um ganho em meio a muitas perdas. Ao caminhar hoje pelas mesmas ruas me perco, me procuro.

Dou-me conta de que guardei essas fotos, na maioria pouco mais do que borrões, porque a fotografia não está na imagem, está na memória e na imaginação. Surpreendi-me com a absoluta falta de nitidez da maior parte delas, com a granulação excessiva, com a indefinição de rostos. Sei que mesmo a melhor foto é apenas um recado à memória para que ela não consinta que a vida pereça, que a família se desagregue, que os amigos partam, que as casas sejam substituídas por edifícios, que os jardins deixem de florir, que as crianças deixem de brincar. A fotografia ingênua, como estas, cumpre a função litúrgica de prolongar a vida além do esquecimento, além da morte real que nele há.

O que vê o menino do subúrbio nos anos cinquenta e o adolescente nos anos sessenta? O menino vê o perto e não enxerga o longe. O mundo do menino é pequeno como o menino. Mas, é o mundo intenso do brincar, do fazer de conta. Ao reencontrar a foto de meus amigos de infância posando como equipe de futebol pro-



fissional no campinho do Corintinha de São Caetano, pose copiada da primeira página de *A Gazeta Esportiva* de segunda-feira, tremi. Tive clara consciência, tantos anos depois, de que aquela foto fora o ato final de minha infância, minha despedida dos amigos. Eu já havia começado a trabalhar e a estudar à noite. Com um dos primeiros salários comprei uma maquininha fotográfica de plástico, muito rudimentar. E num momento de folga fui ao campinho fotografar a molecada que jogava futebol em plena tarde de um dia de semana. Eram os meus amigos. A foto era uma foto de adeus. Adeus em vários sentidos. A amplitude do cenário, lá no fundo a rua Pernambuco, esquina da rua José do Patrocínio, a fábrica de “água-de-lavadeira” (ali se vivia cercado de fábricas) e a casa de minha tia Isaura Ribeiro, irmã de meu pai, mas distante depois que ele falecera, apesar de continuar morando a cerca de uma quadra. Aprendi a ver aquela casa, a que fui pouquíssimas vezes, como uma casa distante e distante a registrei: depois dessa foto não creio ter voltado lá.

Há uma narrativa juvenil nessas fotos que é, ao mesmo tempo, a narrativa da descoberta do mundo. Minhas primeiras fotos foram fotos de pessoas da família ou eventuais visitantes feitas no quintal de casa, um quintal que eu detestava. Algumas fotos foram feitas na rua e no campinho, fotos de crianças da vizinhança, dos grupos de brincadeira de que meu irmão e eu participávamos. São fotos de 1952-1953. Depois, parei de fotografar. Mais adiante, comprei uma boa máquina, de fole, com lente azulada, não me lembro a marca. Nessa fase, meu olhar saiu de casa. As poucas fotos que fiz em casa foram de minha avó e de minha mãe. Gosto muito de uma foto de minha avó materna lendo um livro. Mas, também brinquei: fiz uma foto de meu irmão dormindo e uma foto de mim mesmo fotografando. A maior parte, porém, é de fotos feitas fora de casa: colegas de turma no curso noturno do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, meus amigos da Igreja Presbiteriana “Filadélfia”, na rua

Goitacazes. São fotos de 1956-1957, algumas de pouco mais tarde, todas feitas até 1961, quando tive que vender minha câmera por absoluta falta de dinheiro.

Minha narrativa se encerra com fotos decorrentes de uma intenção documental. Estavam em moda os desfiles cívicos, últimos remanescentes da política como espetáculo, da era Vargas, o desfile como liturgia da participação política do povo, especialmente dos jovens. Nele se encontravam os estudantes, os operários, as forças armadas. Fotografei um desfile de aniversário de São Caetano e fotografei, também, um solene desfile da Força Pública que veio a São Caetano, em 1957, com um grande grupo de veteranos da Revolução de 1932, para exumar no Cemitério da Vila Paula e levar para o Panteão dos Heróis da Revolução Constitucionalista, no Ibirapuera, os restos mortais do único morador de São Caetano que participara da guerra civil como voluntário e falecera num acidente ao retornar para casa: Natal Martinetto.

Meu olhar documental desse momento era claramente motivado por uma preocupação contraditoriamente orientada pela identificação com o progresso, que marcava muito a população local nessa época, São Caetano recém elevado a município, e preocupação em localizar e fotografar remanescentes de uma época que estava acabando, o passado do tempo dos imigrantes italianos e dos imigrantes de outras nacionalidades, como meus avós portugueses. Comecei a caminhar pelas ruas da localidade, que eu conhecia bem, a escolher cenários e a fotografá-los. Do moderno, fiz uma foto panorâmica de São Caetano tomada do Viaduto dos Autonomistas. Do antigo, fotografei a Matriz Velha ainda cercada de vazio e silêncio, uma igreja a que estou muito ligado afetivamente. Fotografei um casarão antigo na esquina da rua São Paulo com avenida Roberto Símonsens. Fotografei a rua São Paulo perdendo-se na direção do morro do Parente. Fotografei a Igreja Presbiteriana, na



esquina da rua Niterói. Fotografei restos de velhos muros na rua Perrella e na avenida Roberto Símonsens.

Ao fotografar, fotografei-me, enfim, como silencioso e oculto personagem de cenários e situações que eu via e neles me via, no olhar testemunha do tempo. Ao ver-me, reconhecia crianças e adolescentes que, como eu, davam vida ao modo de ser do subúrbio. Era um tempo em que, como a criançada dizia, a rua era pública: era das crianças e dos pedestres e não dos carros



José de Souza Martins, "Molecada no campinho" (1)  
[São Caetano do Sul, c. 1953]

(\*) José de Souza MARTINS, professor titular de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

## São Caetano

Aleticie Moretto BOTTAN (\*)

São Caetano és glória!  
Você surgiu do sucesso,  
Do esforço de um time novo  
Trazendo alegria pro povo.

Jogar pra vencer é o teu lema  
Com o belo azul da camisa  
Fazendo o melhor nesse esquema  
Que é o São Caetano que você simboliza.

A cidade de São Caetano  
Com esse feito está em festa  
Um povo sentindo-se ufano  
Que nem mesmo esperava por esta!

São Caetano pequeno gigante  
Entrando na história do esporte  
Levando a bandeira pra frente  
Acreditando sempre na sorte!

Nas partidas que enfrentas és guerreiro  
Nem que tenha de ser de revanche  
Porque o sonho do sul-sancaetanense...  
É conquistar a João Havelange.

(\*) Aleticie Moretto BOTTAN, poetisa.